

# FOGUETÃO

SEMAMARIO JUVENIL PARA O ANO 2000



ASTÉRIX, O GUERREIRO GAULÊS, UM COLOSSO... EM PONTO PEQUENO



QUEM É A CASTELÃ QUE O PROF. MORTIMER ENCONTRA NA SUA VIAGEM ATRAVÉS DO TEMPO?

Artigos e secções plenos de interesse e de movimento

MAURICE WILSON, o homem que, sozinho, esteve prestes a vencer o Everest. — No ano 2000 o «Olho Submarino» regulará a circulação a 500 metros de profundidade.

PASSATEMPOS  
CURIOSIDADES  
SÉRIES ILUSTRADAS

Nas páginas 11 e 12

A EXPLORAÇÃO DO 6.º CONTINENTE

O último episódio do apaixonante romance

O ENIGMA CHINÊS

aventuras do  
**CAPITÃO MARTE**  
PILOTO DO FUTURO

## em O PLANETA DESCONHECIDO



O Capitão Marte e os seus compenheiros, Fogueta e general Monção, partem da astronave ANASTASIA para explorar a superfície do planeta TERRA 2. A sua chegada não passara, no entanto, despercebida ao estranho povo que ali vive. E, mal põem o pé em terra, são capturados por pássaros gigantes...

AI! A MINHA MÃO!

PARA DOM ZA RAX!

O TRADUTOR ELECTRONICO DE FOGUETE NÃO CONSEGUIU, PORÉM, TRADUZIR A FALA DO GUERREIRO...

RAPOMDA ZARX!

EU... CAPITÃO MARTE! VENHO... ER... PAZ! PAZ!

NÃO PERCEBEM NA DA DO QUE EU ESTOU A DIZER!

MADA! MADA! ARPON RAX!

QUE VERGONHA! "EXPLORADORES DO ESPAÇO CAPTURADOS POR SELVAGENS QUE ATIRAM PEDRAS!" LINDO TÍTULO PARA OS JORNAIS DA NOSSA TERRA!

HA, PELO MENOS, UMA PALAVRA QUE EU ENTENDO! EM LATIM, PAX QUER DIZER PAZ!

SÓ ESPERO QUE O SIGNIFICADO DESTA PALAVRA SEJA AQUI O MESMO QUE NA TERRA!

PAX!

# REGRESSO À BASE

Com a publicação do presente número, termina esta série do «Fogueteão»: treze números, precisamente um trimestre. Valha-nos, como triste consolação, a ideia de que também o lançamento de foguetões a sério não tem sido lá coisa muito fácil...

Para aquelas quase três dezenas de milhares de leitores entusiastas que desde a primeira hora nos acompanharam, mas que se reconheceu constituírem número insuficiente para cobrir os encargos de uma edição tão dispendiosa, vai a nossa comovida saudação — com a promessa de novos voos. E desde já lhes garantimos que poderão encontrar em breve a continuação das melhores histórias e secções do «Fogueteão» nas páginas do «Cavaleiro Andante» e das outras edições da Empresa Nacional de Publicidade, para jovens. Ao restante público juvenil, resta-nos expressar a mágoa de verificarmos que não está ainda suficientemente «amadurecido» para as viagens siderais dos foguetões — e que prefere contentar-se com foguetes...

*Piloto Cláudio*



## PROFISSIONAIS DO IMPOSSÍVEL

Em primeiro lugar, digamos, para aqueles que necessitem da explicação, que a expressão «casse-cou» é quase intraduzível. Tomada à letra, a denominação Clube des Casse-Cou seria muito bela-mente, Clube dos Quebra-Pescoço. Isso mesmo! «Casse-Cou», «cascadeiros» ou «stuntmen» — como lhes chamam os americanos — são pouco mais ou menos aquilo a que nós chamamos «destravados», mas destravados valentes, tão capazes de se lançar em pára-quadras sobre um campo de... cactos, como de saltar de um comboio em andamento ou de deter um cavalo que tomou o freio nos dentes.

Até há poucos anos perguntaríamos aos nossos botões para que serviriam tais habilidades. Hoje, porém, hoje que tudo se aproveita racionalmente, os «casse-cou», «cascadeiros», «stuntmen» — com sua licença — destravados, aproveitam tudo bem os seus talentos que conseguem ganhar a vida e nada mal, segundo parece.

Em França, o rei dos casse-cou é Gil Delamare, que já conhecemos não só por ter estado entre nós há tempos, como pela sua espectacular descida em pára-quadras sobre o nosso paquete «Santa Maria», em circunstâncias que são do domínio público.

Foi sob a inspiração de Gil Delamare que os «casse-cou» franceses se agruparam num clube que já conta cerca de doze anos de existência. Os membros do clube, que são poucos — pudera! — praticam o judo e vários desportos, são actores de reconhecidos méritos e provaram a sua coragem durante a última guerra. Nenhum sócio pode ser admitido sem mostrar até à saciedade que é capaz de fazer qualquer coisa que, sem desprimor, possa ser incluída na lista das proezas dos veteranos. Essa lista é como segue: 108 quedas de cavalo envurgando armadura, 186 com trajos antigos, 24 a dois (sobre o mesmo cavalo), 18 com o cavalo (o animal não fora preparado para isso), 182 cenas de abordegagem com mergulhos, quedas, combates... 300 vezes lançados pela janela (com estilhaços de vidro), 144 desastres de carros, derrapagens, explosões, tiros com balas verdadeiras; 288 quedas por escadas, 188 zaragatas completas com passagens através de portas (fechadas), 52 duelos com sabre de abordegagem, 44 com sabre de cavalaria e 142 com armas diversas, entre as quais correntes, martelos, adagas, chicotes, facas, etc. (houve mesmo um combate com pincel e... tinta).

Tudo isto, é claro, se passou em filmes onde os «casse-cou» entraram e onde «dobraram» os actores nas cenas perigosas. E tudo isto também deve que fazer e que ganhar aos três médicos privados do Clube, os Drs. Jean Ducroquet, Jean Marchal e Paul Teissier. As «reparações» efectuadas nos «casse-cou» foram as seguintes:

8 pernas fracturadas, 4 colunas vertebraes contusas, 3 clavículas, 2 cotovelos e 3 joelhos quebrados, 2 clavículas

No estranho mundo em que vivemos, surgem dia a dia novas profissões, novas maneiras de ganhar a vida, novas actividades capazes de deixar de boca aberta os nossos avós, almas simples acostumadas a uma vida simples. Entre os homens a quem essas novas e singulares actividades atraem, contam-se os membros do Clube des Casse-Cou (França), agremiação que só recebe como sócios os profissionais do impossível...

deslocadas e 16 vértebras metidas dentro! Sem contar com as entorses, luxações e nódoas negras de todos os tamanhos...

Os membros do Clube des «Casse-Cou» são — como dissemos — empregados em certos filmes, um por cada vez ou todos em grupo. São eles que nos filmes franceses fazem as zaragatas, dão e apanham pancada, caem do alto das rochas e saltam pelas janelas.

— Ainda tenho uma perna e um braço intactos. É um milagre! — dizia há tempos Guy Henry, profissional do perigo desde 1939.

Mas Guy Henry esteve prestes a não poder dizer isto... nem qualquer outra coisa mais... quando, por exigências do filme «O Conde de Monte Cristo», foi fechado num saco e lançado à água. Levava na mão um punhal com que devia cortar o saco e libertar-se imediatamente. Mas o contacto com a água foi tão violento que perdeu o punhal e... os sentidos. Situação dramática!

— Se soubessem como é difícil procurar dentro de água um punhal perdido num saco! — dizia ele mais tarde.

Por fim, lá voltou a si, encontrou o punhal e pôde salvar-se a tempo. Sob o ponto de vista cinematográfico, a cena resultou lindamente. Mas o realizador censurou Guy-Henry por ter prolongado inutilmente a situação, só para se fazer valer!...

### NÃO SÃO SUPERSTICIOSOS!

Apesar dos riscos que correm, os «casse-cou» não são supersticiosos. Felizmente para Alex Favier, que um belo dia se encontrou no terceiro andar de um edifício, a 8 metros acima do solo. Rodava-se uma cena do filme «Identité Judiciaires», Alex devia muito simplesmente precipitar-se no espaço. Cá em baixo esperava-o uma rede. O actor ia saltar, quando um homem de boné se meteu de perneio entre ele e a janela. Era o guarda do edifício, uma refinaria de açúcar.

— Cavalheiro! — disse o homem do boné.

— Que deseja?

— Vi o que o senhor ia fazer. Sabe que eu fui bombeiro?

— Os meus parabéns! — replicou Alex, que começava a enervar-se.

— Não se rale! — prosseguiu o bom do homem. — Eu tenho ali guardada uma maça ainda em bom estado...

Depois, com toda a gravidade, afastou-se um pouco e esperou a queda. Felizmente tudo correu bem e a maça não foi precisa...

Mas nem sempre assim acontece e, vezes, o acidente sobrevém de forma inesperada e curiosa.

Foi o que sucedeu com Jacky Blanchot, que no filme «Lucrécia Borgia»

(Continua na página 9)

## CONCURSOS DO «FOGUETÃO»

A 2.ª MEDALHA DE PRATA FOI CONQUISTADA PELA ORGANIZAÇÃO DA FCI

Terminou a segunda VOLTA! Com 79 pontos no total das quatro etapas, a FCI, que pedalou sempre à cabeça dos primeiros pelotões, conquistou triunfalmente a 2.ª MEDALHA DE PRATA! Um bravo pela bela exibição!

RESULTADOS DA 4.ª ETAPA VENCEDOR DA SEMANA:

Fernando Lima Simões, residente na Rua do Olival, em Lisboa. Foi contemplado com 3 livros policiais.

### MELHOR DEFINIÇÃO:

Deu a melhor definição da Palavra Misteriosa o concorrente António Manuel Pacheco de Oliveira Maia, da Marinha Grande. A sua definição de Júlio Verne foi a seguinte:

«Escritor francês nascido em 1828 e falecido em 1905. Influenciado pelo grande progresso técnico e industrial da época em que viveu, previu o submarino, o helicóptero e as viagens espaciais. Da sua notável obra destacam-se AS VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS, DA TERRA À LUA e VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS. Foi o criador do romance científico».

### OUTROS RESULTADOS:

COM 20 PONTOS:

FCI, H. de Albuquerque, João do Nascimento, Inspector Arcadiévitch, Francisco José de Mello Victorino, Luís Fernando Casanova Ramalho Guerra, Maria Manuela Amorim, José Carlos Ferreira Pedrosa Botas, António Carlos Viana Paineiro, Inspector «Gato», Manuel Mário Correia de Almeida, João Manuel Macedo dos Reis, Mateus Alberto Gonçalves Cabrita, Manuel José Cordeiro Ferro, Jorge Magalhães, Carlos Eduardo Macedo dos Reis, Amândio António da Silva Amado Vasconcelos, António Alves Diniz, Arsène Lupin, Carminda Hipólito, Helena Maria Rodrigues Rocha, João José Caetano Trindade, António Augusto Tavares Fernandes, Zé Quim, Carlos José Andias da Silva Carvalho, Vitor José Martins de Oliveira, Sherlock Amador, Eduardo Jorge de Sousa Calhau, Aristides Jorge Passos de Sá Osório, José Freire de Oliveira, José Agostinho Baptista Leitão, Fernando Alberto Cor-

reia Malheiro da Silva, Fernando Calado Santos, João Manuel de Freitas Henriques e Pedro Duarte Rodrigues

COM 19 PONTOS:

Eugénio Trigo, Orlando da Fonseca Cabrinha, Fernando Pereira da Silva, Celso José Marques da Costa, José Herculano Pires Chorão de Carvalho, Carlos António Marques da Silva, Forca, Luís António Branco de Pinho Lopes, José Gaspar, Frisco, Inspector X, Manuel Pedro Gil, Abel Mendes Silva, Rui Carlos Vieira, Jorge Alves Pires, As de Espadas, António de Faria Cardoso Lima, António de Barros Lima Guerreiro, João Duarte de Almeida Vicente, Rui Moniz, Skeleton & Cia., Basílio José Martins, António José Portela Duarte, Mário de Oliveira Maria, L. H. Ritto, João Manuel Branco Lisboa, Carlos Branco Lisboa, Nuno F. Pires, Ricardo António Balaças, Inspector K, Smoky John, Inspector Ramon, Augusto Pais Damásio, Carlos Manuel de Oliveira Santos Serra, Alberto Arous de Carvalho, José António Cunha Simões, Pima, Maria Teresa Paula Quesada Pastor, Inspector Ab Ovo, José Alberto Pereira da Silva, Joaquim Fernando Coração Duarte, Vitor Manuel Duarte Torres, José Manuel Guedes Freire, Álvaro Marques Ferreira, José Manuel Barreto, Luís Moreno, António José Correia Lopes, Abílio de Sousa Brandão, Pedro Laranjeira, Detective Trolaró, Diogo Tomás Teixeira de Mesquita Quintela, Inspector Marte, José Manuel Teixeira Gonçalves, Inspector Jac, Luís João da Silva Mateus, Davide Castro Dias, Magda Bigotte de Figueiredo, A. H. de Oliveira, Danger Man Júnior, Manuel Alberto dos Santos, Emanuel de Jesus da Cruz, Inspector Hidy Hotta, Pedro Marques Freitas Marques, Fernando Reis Faria, Sálvio José Azevedo Nora, Galhosga, António Alberto Silva, Inspector Dinamite e Jocar.

COM 18 PONTOS:

António Oliveira Moniz Barreto.

COM 17 PONTOS:

Francisco Manuel Fernandes Abreu, Nelson de Mello de Oliveira, Geb, Sargento do Espaço, Falcão, Jat-vi, Miguel Vasco Crespo da Costa Simões, Amândio António Sousa Cunha, Carlos Francisco Branco, Gonçalo José Pires Chorão de Carvalho, António Alberto dos Santos Ramalho, Joaquim Rui de Sá Dias, Luís Filipe Dias e José Manuel Geraldes Oliveira.

COM 16 PONTOS:

Gabriel de Campos, Sexton Black e Manuel Ferreira da Silva Peixoto.

COM 14 PONTOS:

Carlos Alberto Zany Pampulim Martins Caldeira.

# Asterix O GUERREIRO GAULÊS



## FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL

DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor: M. M. Motta Cardoso — Propriedade de E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composto e Impresso nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

# O ENIGMA CHINÊS

Romance de Yves Duval — Ilustrações de Eduard Aidans

Buster Webb e o Comissário Vernon foram encerrados a bordo do iate de Li-Fang. Conseguem no entanto escapar-se da sua improvisada cela e tentam libertar o Prof. Bramberger.

## RISO AMARELO

De pistola na mão, Buster Webb e Vernon saíram da sua cela, seguidos pelo velho Forester, que não se mostrava muito entusiasmado. Por sorte, o corredor não iluminado estava deserto. Graças ao molho de chaves subtraído a Jim Bratt, os evadidos libertaram o Prof. Bramberger, radiante por os encontrar tão prontamente. O sábio não tivera coragem de tocar nas sanduiches que lhe tinham levado. E foi o esfomeado Forester quem gulosamente as devorou.

Agora que já recuperou as forças — propôs Vernon — venha! Porque, se o iate negro sai das águas territoriais, as nossas probabilidades de vencer serão quase nulas.

Já pensou que deve haver pelo menos uns quinze homens a bordo? — notou o professor. — Será razoável pensar que os venceremos?

— Ora! — cortou Buster Webb. — A sorte sorri aos audaciosos. Sigam-me todos! Vernon, que está armado, fechará a marcha e protegerá a retaguarda. Se conseguirmos pôr pé na ponte de comando, o navio será nosso. Mais vale tentar uma loucura do que deixarmos-nos assassinar estupidamente.

Devagar, em passos cautelosos, os quatro homens seguiram em fila indiana até ao fim do corredor e treparam a escada que levava à ponte. Ao chegar lá a cima, Buster arriscou uma olandela.

Só vejo o homem do leme ao lado do oficial de quarto. Ótimo! Suponho que os outros patifes ou estão nas máquinas ou resonam. Baixemo-nos e avancemos pela esquerda. Tenho grande admiração por aquele Mr. Danton que disse certo dia:

«Audácia, audácia e sempre audácia»

Quase coladas com o solo, as quatro sombras deslizaram na noite. Quando chegaram à porta da cabina envidraçada, Buster Webb ergueu-se bruscamente e, dando volta ao fecho, precipitou-se para o interior, seguido pelos companheiros.

— Largue esse leme e mãos ao ar! — ordenou.

O tom da sua voz e a ameaça das pistolas fizeram compreender aos dois marinheiros que não se tratava de brincadeira. Abafando uma praga, executaram o que lhes era exigido.

— Professor — disse Vernon — vi-me depressa o leme, porque temos que alcançar a costa quanto antes. E você, Forester, reviste estes dois cavalheiros. Ou eu me engano muito, ou eles devem ter consigo revólveres que virão completar o nosso armamento.

Utilizando quantas cordas encontraram à mão, amarraram o marinheiro e o oficial.

E agora abramos os olhos! — aconselhou Vernon — A nossa brusca mudança de rumo não deve ter passado despercebida ao resto da tripulação, que não tardará a reagir. Esta deve ser a alavanca que comanda o projecto principal. É esta, é! Ao acaso vou lançar um S. O. S. em Morse. Com um pouco de sorte, pode ser que chamemos a atenção de qualquer barco de pesca.

Mas, apenas os feixes luminosos tinham começado a rasgar a noite, com uma sucessão de breve e de longas, quando algumas balas estilhaçaram os vidros da cabina.

— Abrugem-se! — gritou Webb. — Era bom demais para ser verdade! Os patifes devem ter dado com Jim Bratt amarrado. Ponha-se de joelhos para

governar o leme, professor. Abri-gue-se, Vernon!

Mas, imperturbável, o polícia continuava a enviar as suas mensagens de apelo. De súbito o vidro do projector voou em estilhaços. Agora, as balas assobiavam de todos os lados, disparadas pelas metralhadoras.

Cobertos de pedaços de vidro, os quatro homens, conservavam-se abrigados por trás de uma antepara de aço. De vez em quando, Buster e Vernon arriscavam uma olandela e disparavam ao acaso. Embora poupano as munições, era preciso dar ao inimigo a impressão de

que o assalto seria duramente repellido.

— Vamos deixar todos aqui a pele! — gemia o velho Forester, com a cabeça entre as mãos, deitado sobre um rolo de cabos.

Lá fora, sombras inquietantes começavam a agrupar-se. Se os bandidos se atrasassem todos ao mesmo tempo, a vitória de Vernon e dos seus seria duvidosa.

— Desta vez — suspirou o Comissário ao ouvido de Webb — creio que, salvo qualquer socorro do exterior, estamos perdidos!

— Não! — respondeu Buster, cerrando as maxilas — Tenho

uma ideia para ganhar alguns minutos. Deixe-me agir!

Agarrara um bidão de gasolina que arrebou com o seu enorme canivete de aldeão. Depois, abrindo a porta, avançou quase de rastos e lançou o bidão para o ponto onde os assaltantes se agrupavam. Quando calculou que todo o líquido se derramara, puxou do isqueiro, acendeu-o e pegou fogo ao seu próprio lenço e atirou-o para cima da gasolina.

Num segundo uma cortina de chamas se ergueu entre a ponte de comando e os assaltantes.

— Bravo! — exclamou Bramberger. — O vento vai arrastar o braseiro para o lado desses patifes. E, embora a costa não esteja ainda à vista, pode ser que o clarão do incêndio chame a atenção de qualquer navio.

Entretanto, o tirotoio tinha praticamente cessado. Na ponte de aço o carburante consumia-se e a cortina de fogo diminuía de intensidade.

— Maldição! — bradou Vernon. — Não avançamos! Esses patifes pararam as máquinas. O barco flutua como uma rolha e a corrente vai arrastar-nos para o largo...

— Não! Olhe! — gritou Webb de repente. — Olhe para ali... Não me enganei... Vem aí uma vedeta a toda a velocidade!

— Uma vedeta da brigada costeira! — confirmou Vernon — Deus seja louvado! O fogo acaba precisamente de se extinguir...

Disparando as últimas balas, os quatro homens conseguiram manter ainda por momentos em respeito os seus agressores. Minutos depois, agentes da polícia, fardados, entravam a bordo do iate negro.

Bill Vernon em breve os punha ao facto da situação. Os bandidos, que se tinham refugiado nos alojamentos da popa, foram apanhados um a um, sem que opusessem resistência, aliás inútil.

— Estendeu-lhes uma bela rede, comissário! — exclamou o chefe da polícia costeira, enquanto, alinhados no convés, os presos esperavam o momento de embarcarem na vedeta.

— Aqui tem o mais temível de todos! — explicou Vernon, designando Li-Fang que se obstinava em fitar o feliz rival sem deixar o seu irritante sorriso. Quando o comissário se voltou, o chinês tirou da manga uma das terríveis facas que manejava com tanta habilidade.

— Cuidado, Bill! — gritou Buster Webb excitando um admirável salto de três metros, em direcção ao chinês.

Apanhado por um golpe de ombro em pleno estômago, Li-Fang rolou pelo chão, fazendo caretas. Ao mesmo tempo, empregando uma torção de pulso, Buster obrigava-o a largar a arma.

Depois, com espantosa rapidez, agarrou o asiático pelo pescoço e obrigou-o a levantar-se.

— Miserável! — bradou. — A justiça do meu país te fará pagar os teus crimes e desta vez, é que o teu riso será na verdade amarelo!

— Obrigado, Buster! — disse Vernon estendendo-lhe um pequeno objecto redondo. — Aqui tem o meu presente...

Era o famoso distintivo do Polícia Federal, com a águia dos Estados Unidos e um escudo onde se liam as três letras F. B. I.

— O quê? — balbuciou Webb — É a sério? Fico li-mesmo?

— Com certeza, meu rapaz! — sorriu Bill Vernon. — Ganhaste o teu cheque de 20.000 dólares e, deslindando comigo este pouco banal enigma chinês, provaste amplamente que eras digno de ser dos nossos.

FIM



## Michel TANGUY em O CEU DE GLORIA

CONTINUA

O submarino está preso ao feixe do olho vigilante, exactamente como o peixe à linha pescada



**PREPAREM-SE PARA UMA BELA CARREIRA: A DE AGENTES SUBMARINOS!**

Percorrendo as grandes artérias e as encruzilhadas dos oceanos, as estações automáticas decidirão a prioridade das ordens de marcha. Nos pontos de circulação intensa haverá homens alojados a bordo dessas estações de comando que deverão levar ao cérebro electrónico o auxílio da inteligência humana. No fim de contas, o que se fará será apenas aplicar ao fundo dos oceanos o sistema de sinalização das cidades. Com efeito, esse sistema combina as luzes automáticas e as luzes manejadas pelo agente, nas horas de maior afluência.

E aqui está uma carreira que vai tentar muitos espíritos aventureiros: a de agente do trânsito submarino... Mas, naturalmente, sem capacete nem punhos brancos!

O submarino fica «preso» ao projecto do «olho» que o espieita, como um peixe à linha do pescador.

Deste observatório submarino o futuro agente de trânsito poderá observar estranhos bailados de peixes e navios...

NO ANO 2000

**O «OLHO SUBMARINO» REGULARÁ A CIRCULAÇÃO A 500 METROS DE PROFUNDIDADE**

Foi na manhã do dia 12 de Abril de 1960, em Londres. Na primeira página, à largura de oito colunas, o «Daily Mail» proclamava: Os cientistas britânicos estão em vésperas de realizar a mais sensacional descoberta, depois da invenção do radar: o «olho submarino». Esse novo aparelho «verá» debaixo de água numa circunferência de 1600 quilómetros.

Tal revelação correu a capital de boca em boca, depois de que deu rapidamente a volta do Mundo, desencadeando aqui entusiasmo, além despeito. Logo se começou a dizer que os submarinos atómicos estavam «arrumados», visto que a sua principal qualidade era surgirem de repente onde menos se esperava. Com o «olho submarino» acabar-se-iam as surpresas, pois o novo invento poderia seguir as mais discretas evoluções do adversário.

de um naufrágio. Mas, afinal, o que aconteceu foi termos topado com um dos famosos «auscultadores» submarinos. Como reconhecê-lo?

A bem dizer, não se sabe ainda. Só o que se conhece a tal respeito é que o aparelho flutua, com três quartos do seu volume debaixo de água, depois de ter sido largado por um avião.

Qual é então o trabalho, a missão do misterioso olho ou ouvido submarino? Ver ou escutar e, em seguida, repetir o que aprendeu. Inteligente, hem? Até parece que o estamos a ver sobressaltando-se porque reconheceu, a algumas centenas de quilómetros de distância, o ruído dum hélice que acaba de ser posto em movimento. E eis o nosso «robô» fixando o «olhar» na presa invisível que — coitada! — não suspeita da presença do indiscreto.

**SER OU NÃO SER...**

No entanto, uma pergunta começou logo a preocupar os especialistas de estratégia naval: que seria, no fim de contas, o tal «olho submarino»? Não era decerto um super-radar, porque as ondas electro-magnéticas não podem penetrar a mais de 30 metros de profundidade. Seria um sistema baseado na reflexão dos ultra-sons? Não! O alcance de 1600 quilómetros é, pelo menos, oitenta vezes mais do que os ultra-sons podem dar.

Entrevistados pelos jornais, os peritos mostraram-se perplexos. Só um deles arriscou:

— Bom... Diz-se que o «olho submarino» localiza qualquer objecto que mexa dentro de água. Deve, portanto, ser um fantástico receptor de ultra-sons que provêm, naturalmente, do movimento dos hélices do submarino procurado. Todos sabemos que os hélices vibram; portanto, emitem sons e ultra-sons. Assim, o aparelho inventado pelos cientistas ingleses deve ser não um olho, mas um fabuloso ouvido para escutar o gemido dos hélices que podem encontrar-se a uma distância equivalente à que vai de Londres a Lisboa.

Um comentador britânico dizia que o olho mágico construído pelos seus compatriotas podia registar facilmente os ultra-sons de um motor de automóvel a uma centena de quilómetros. Pensem que, durante um cruzeiro no mar, avisamos certo dia qualquer coisa à deriva a centenas de quilómetros da costa. Cheios de pena, julgamos logo tratar-se

**UM DIA CHEGARÁ...**

...em que o «cão de guarda dos mares» receberá a sua ordem de desmobilização e passará à vida civil. Para fazer o quê?

Para desempenhar o papel de agente do trânsito no seio do mundo oceânico. Pedir-lhe-emos então que regule o tráfico dos paquetes, dos navios de carga, dos petroleiros, da navegação submarina, que os construtores navais dos nossos tempos estão preparando. A América projecta construir mastodontes do fundo dos mares, rasgados por vigias luminosas que, vogarão a 300 ou 500 metros de profundidade e franquearão o Atlântico à velocidade de 150 quilómetros à hora. E os ingleses têm em preparação na ilha de Wight o primeiro navio atómico submarino para uso civil. É um monstruoso paquete de 100 000 toneladas e que, apesar disso, navegará com o dobro da velocidade do orgulhoso «Queen Elizabeth». Esse navio copia totalmente o peixe e, como o peixe, aplicará todas as suas forças a vencer a resistência da água. Mais nada! Não será, com efeito, estúpido consagrar 90% da energia dos motores de um navio a lutar contra o vento, contra as vagas, quando tal esforço se pode dispensar?

Pouco a pouco, os navios alcançarão as zonas calmas da navegação em profundidade. Será então preciso criar postos de comando. Esse papel de organização do tráfico submarino incumbirá no ano 2000 aos famosos olhos submarinos.

**Asterix O GUERREIRO GAULÊS**

(continuação da Pag 2)

**BOM... BOM... VIX LÁ...**

**CALIGULAMINIX, PODES VIR!**

**CONSIGTO EM MOSTRAR-TE O MEU SEGREDO E MESMO EM PARTO A PROVAR.**

**O QUE TE COISA QUE SE COMA?**

**VENHAM TODOS! PANORAMIX, O DRUIDA, VAI PREPARAR O ELIXIR!**

**UMA DOSE DESTA ELIXIR DAR-TE-A FORÇAS SUFICIENTES PARA REGRESSARES A LUTETIA...**

**MAS OS EFEITOS DISSIPAR-SE-ÃO RAPIDAMENTE.**

**NÃO FAZ MAL. HEI-DE ARRANJAR MEIO DE ROUBAR A PAINELA!**

**AQUI TENS A BEBERAGEM...**

**ENTÃO, SE É BEBERAGEM... BEBO, HEM?**

**GLOU! GLOU! GLOU! GLOU!**

**SABE A PURE DE LEGUMES...**

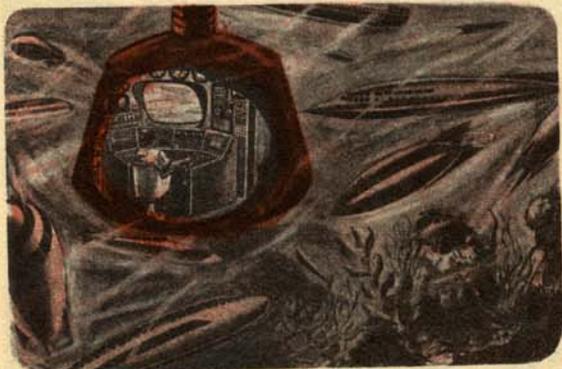
**SIM, POSSO FAZÊ-LA COM VÁRIOS AROMAS: SOPA DE PEIXE, OMLÉTE DE QUEIJO, CARNEIRO GUISADO, BAINILHA...**

**MAS NÃO NADA SINTO DE ESPECIAL...**

**ORA EXPERIMENTA LEVANTAR ALI AQUELA PEDRA!**

**AQUELA? NUNCA SEREI CAPAZ...**

**HA! HA! HA!**



Deste observatório poder-se-á ver estranhos bailados submarinos.



# A TELEVISÃO POR DENTRO

Já por mais de uma vez se me têm dirigido alguns jovens amigos pedindo-me para lhes mostrar, por dentro, os estúdios da TV.

É claro que eu teria muito prazer nisso; mas (há sempre um «mas...»), as visitas só são permitidas em condições muito especiais, o que aliás se compreende porque os estúdios estão normalmente ocupados, ou em programa, ou, ainda, em ensaios. Daí, a grande dificuldade em atender os amigos para lhes matar a curiosidade.

Julgo, no entanto, que todas as semanas há umas visitas para o público, mas é necessária uma inscrição prévia para tal efeito.

Os leitores de Lisboa e arredores teriam assim facilitada a sua curiosidade, mas os da província continuariam sem fazer uma ideia como funciona, por dentro, um estúdio de TV.

Pois, amigos... Venham daí comigo, porque eu vou fazer o possível por lhes explicar aquela Babel medonha de fios, câmaras, projectores, altifalantes, etc....

Vocês, em casa, sentados numa poltrona, a assistirem a um espectáculo de televisão, nem sonham o trabalho e as cansaças que tudo aquilo representa.

Não lhes falarei da parte técnica — disso não percebo nada — embora seja a secção mais importante da TV. Apenas lhes vou contar o que se passa no estúdio grande da RTP (Radiotelevisão Portuguesa), em dia de programa.

Suponham uma grande sala, muito comprida, bastante larga e talvez com uns seis metros de altura.

É aí que normalmente se realizam os programas.

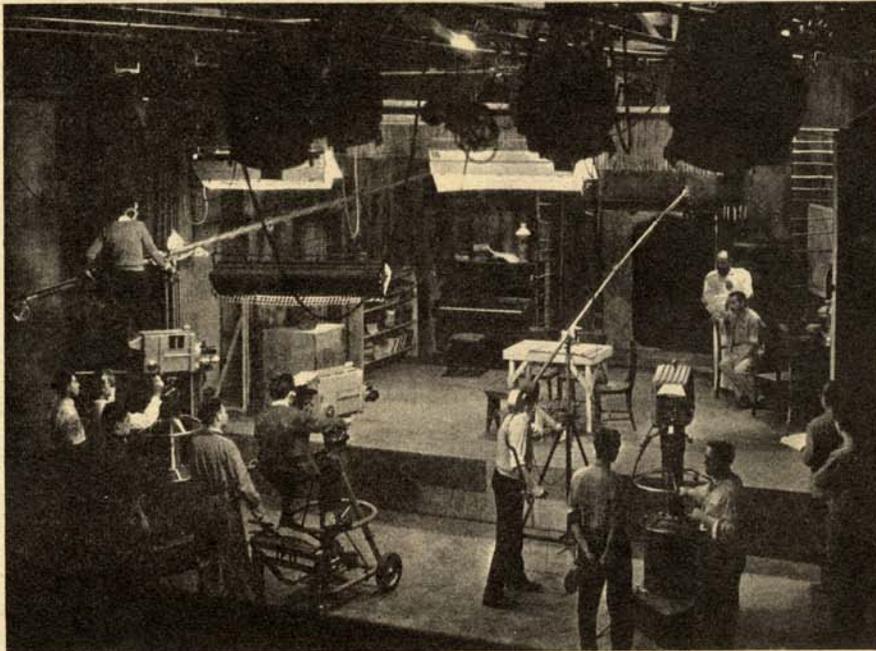
Há várias equipas técnicas a colaborar: as do som, as da imagem, as da luz e ainda as dos cenários. Cada uma faz parte integrante e indispensável do programa que é dirigido pelo realizador (o responsável principal por tudo quanto se vai passar).

Espalhados pela grande sala (estúdio) há vários *decks*, ou, melhor, há vários cenários conforme as necessidades do programa.

É vulgar ver-se a um canto um fogão de sala, umas cadeiras, uma mesa, um quadro antigo pendurado na parede; e logo ao lado, apenas a dois palmos de distância, um recanto de uma praia, com muita areia espalhada pelo chão, a proa dum barco, uma boia salva-vidas e uma cadeira de repouso. Mas se lhes disser que logo a seguir, noutra parte do estúdio, está uma «gare» de caminho de ferro, com carris e tudo, ou, ainda, o «deck» dum grande transatlântico, vocês ficarão bastante surpreendidos, não é verdade?... Pois tudo se passa assim, desde que a peça que se vai representar o exija.

Isto é vulgaríssimo passar-se nos estúdios. Para quem entra, toda aquela confusão de cenários parece obra de um louco, mas se se pensar que tudo aquilo é aproveitado em planos, captados pelas câmaras de TV, e depois transmitidos em sequências lógicas durante a representação da peça, há que verificar que grande responsabilidade têm o realizador e todos os seus colaboradores.

Há outro pormenor muito curioso e importantíssimo que nos chama a atenção ao entrar num estúdio: a enorme quantidade de projectores de luz, de vários tamanhos e feitios. Estão na sua maior parte pendurados numa espécie de complicados andaimes de aço tubular e, por um sistema especial, são facilmente mutáveis, de forma a melhor iluminarem a cena que se pretende. Quando há necessidade de utilizar muitos projectores, vocês nem calculam o que sofrem os artistas ou os locutores ou mesmo os técnicos que estão no estúdio...



Trabalho no Estúdio da RTP. Em primeiro plano, três câmaras de TV e duas «grifafas». No alto, a teoria de projectores. Ao fundo, o cenário e os actores (Jaime Santos e Manuel Lereño) durante a transmissão dum pedaço de teatro

Nem tudo são rosas, meus amigos...

Na fotografia que lhes apresentamos juntamente, poderão ver as câmaras de TV. São uns aparelhos muito complexos, semelhantes às máquinas de filmar, com uma colecção de jogos de lentes móveis e que são utilizados conforme se deseja uma imagem mais em pormenor ou mais afastada. Para isso basta andar à volta com uma manivela que existe ao lado da câmara. O operador regula a imagem que pretende, através dum pequenino visor de vidro fosco, colocado na parte superior e atrás da câmara de TV.

Todas as câmaras são móveis. Na sua base há um sistema de rodas que lhes permite magnífica mobilidade em todas as direcções.

As imagens recolhidas nas câmaras vão por meio de fios até a uma outra sala («régio») onde se encontra o realizador, que tem na sua frente tantos «ecrãs» quantas as câmaras que estão no estúdio. Cada câmara fornece a sua imagem para o ecrã respectivo, em frente do realizador, e este escolhe a melhor imagem para transmitir, bastando para isso carregar num botão de comando.

Vejam, pois, o trabalho enorme que

respostas publicadas, pedimos que nos desculpem, pois, era materialmente impossível dar todos os depoimentos que nos chegaram às mãos.

De um modo geral, os rapazes e raparigas de 1961 antevêm para o ano 2000 um mundo melhor, materialmente mais aperfeiçoado e espiritualmente mais perfeito. É ainda para aqueles que encaram os futuros progressos do Mundo sob os seus aspectos mais importantes — os da paz e do bom entendimento entre os homens e as nações, — que vão os nossos mais sinceros e calorosos aplausos. Oxalá sejam esses que acertem.

Vamos, pois encerrar o nosso inquérito dando-lhes algumas das últimas respostas recebidas.

Haverá aparelhos capazes de ler os nossos pensamentos — declara o José Freire de Oliveira.

Serão no ano 2000, os professores substituídos por autómatos? — pergunta o José Duque Shower.

No ano 2000 não haverá o problema das chuvas excessivas que devastam as culturas — prevê o Alfredo José Pereira Costa.

tem de haver nos ensaios, para, durante o programa, os técnicos de imagem não se esquecerem das posições previamente marcadas pelo realizador, a fim de se obter o melhor rendimento possível.

O som tem também o seu grande papel nestes programas, como devem calcular. As dificuldades aqui são maiores que na rádio.

Sabem porque? É simples: porque os microfones não devem ser vistos e daí a maior preocupação do técnico.

Enquanto na rádio o microfone está fixo, na TV o microfone tem de andar atrás do artista. Todo o cuidado é pouco para que o «cavalheiro» não seja captado pela câmara. Para isso há um aparelho com um nome curioso que talvez vocês não conheçam... A «grifa». É uma a cada lado da cena. Em cada «grifa» está um operador de som com os seus auscultadores nos ouvidos para que nenhum pormenor lhe passe em claro. Mas afinal o que é a «grifa»? É um tripé móvel onde assenta um tubo bastante comprido, na ponta do qual se coloca o microfone que por um sistema mecânico pode ser conduzido a distância dando-se-lhe a posição que mais interessa ao técnico de som.

Cada técnico, das várias secções da TV que actuam no estúdio, necessita de um ajudante, porque os cabos que ligam microfones, câmaras e algumas vezes projectores, são tantos, tantos, que se não andarem sempre a afastá-los e a conduzi-los para lugar aberto, às tantas ninguém se entende, e o engarrafamento dentro do estúdio será pior que na auto-estrada em dias de futebol no Estádio Nacional...

Não sei se consegui dar-lhes uma pálida ideia do trabalho no estúdio grande da RTP. Posso garantir-lhes que fiz o possível por isso, mas se não compreenderem podem fazer-me perguntas que eu responderei. E, se estiverem muito interessados em visitá-lo, escrevam-me que eu tentarei remover dificuldades e pessoalmente irei com vocês aos estúdios do Lumiar em dia e hora a combinar... Vale?

De uma coisa podem ficar certos: aquilo que todos vocês julgam muitas vezes ser fácil (fazer um programa de televisão), é sempre muito complicado e depende do trabalho de muitas pessoas.

Criticar o trabalho depois dele feito é fácil; realizá-lo, meus amigos, é muito difícil... E até para a semana. Boas férias!

João Alves



## A ARMADILHA DIABÓLICA

POR E. P. JACOBS

O NOSSO AMIGO PÓS-SE A COMBATER COMO UM LEÃO, MAS, PERANTE O NÚMERO DOS INIMIGOS, FOI OBRIGADO A RECUAR PARA UMA ESCADA.



ALI, VENDO UM PESADO LAMPADÁRIO, COM UM PONTEIRO ATIROU-O SOBRE OS ASSALTANTES.



E APROVEITOU A CONFUSÃO PARA SUBIR OS DEGRAUS.



EM TRÊS PULOS ALCANÇOU UMA GALERIA CUJA ÚNICA SAÍDA ERA UMA PORTA BAIXA E MACIÇA.



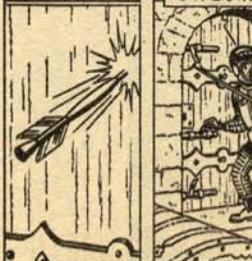
MAS, AO CORRER PARA A PORTA VU DE REPENTE O BARÃO, QUE LHE APONTAVA UMA ARMALETA.



SE A PORTA ESTÁ FECHADA À CHAVE, AI QUE NIM!



AO MESMO TEMPO UMA SETA IA CRAVAR-SE NO PONTO ONDE ELE ANTES SE ENCONTRAVA.



MAS JÁ O PROFESSOR CORRERA OS FERROLHOS, ENTREGUE A ESTA OPERAÇÃO, NEM DEIRA POR QUE, AO ENTRAR, EMPURRARA UMA JOVEM DAMA.



MAS... EU NÃO VOS QUERO MAL! O SENHOR DO CASTELO QUER MATAR-ME E ARROCAR E EU TENHO QUE ME DEFENDER. MAS... QUEM SOIS?



### FECHA COM CHAVE DE OIRO O NOSSO INQUÉRITO

#### O MUNDO NO ANO 2000



Damos hoje por encerrado o nosso inquérito — e cremos que o encerramos com a chave de ouro de alguns brilhantes depoimentos dos nossos leitores. A todos — e muitos foram — que nos deram as suas previsões — felicitamos pelo interesse que lhes merecem os problemas do mundo futuro. Aqueles — e também foram muitos — que não viram as suas

## Tintin au Tibet

Que... que dîtes-vous là?...  
Qu'il sera ravi de vous voir.  
Entrez donc, c'est ici... Hi! hi! hi!

**TCHANG! TCHANG!**  
Des amis pour toi!

Mon fils, Tchang Lin-Yi... Hi! hi! hi!

Excusez-nous: il y a confusion. Notre ami se nomme Tchang Tchong-ten...

Ah! vous parlez de notre pauvre et regretté neveu d'adoption... Hi! hi! hi!

Hélas! il est mort!... Hi! hi! hi!  
Un accident d'avion...

Mais, Sahib, puisqu'il est mort!  
Je suis persuadé du contraire. Mais, pour le retrouver, il me faudrait un guide expérimenté...

Non!... Moi pas vouloir risquer trois vies, ta vie, celle de l'autre Sahib et la mienne, pour retrouver un mort...

Mais justement, Tharkey, je suis convaincu que Tchang n'est pas mort

Non!... Moi pas vouloir risquer trois vies, ta vie, celle de l'autre Sahib et la mienne, pour retrouver un mort...

Bravo!... Enfin, vous devenez raisonnable!

Lui mort, Sahib!... Moi été là-haut... Moi vu avion cassé... Plus possible vivre là-haut: trop froid, rien à manger. Toi pas partir, Sahib, toi trop jeune pour mourir aussi!

C'est le bon sens-même, fiston... Ce sherpa a mille fois raison... Je vous l'ai dit depuis le début: c'est de la folie! Il faut renoncer à ce projet insensé...

Oui, ce que dit Tharkey est juste.

Que... que dîtes?... 2. Que ele ficou encantado de os ver... Entrem: é aqui... Ih! ih! ih! 3. Tchong!... Tchong!... Amigos para ti. 4. Meu filho, Tchong Lin-Yi... Ih! ih! ih! 5. Desculpe-nos: há aqui confusão. O nosso amigo chama-se Tchong Tchong-ten... 6. Ah! Os senhores falam do nosso pobre e choroso sobrinho adoptivo... Ih! ih! ih! 7. Infelizmente morreu!... Ih! ih! ih!... Um desastre de avião... 8. Nós sabemos, sim, mas eu creio, justamente, que não morreu. E vinha perguntar-lhe se não conhece um sherpa que consinta em partir conosco à procura dele. 9. Mas, Sahib, se ele morreu! 10. Estou persuadido do contrário. Mas, para o encontrar, ser-me-dé preciso um guia experimentado... 11. Porque não o Tharkey, pai?... É o melhor sherpa de toda a região, o mais corajoso... E fez parte da expedição de socorro... 12. Se queres, Tchong: vamos lá! Mas estou certo da resposta dele. 13. NÃO, SAHIB! 14. Não!... Mim não querer arriscar três vidas, a tua vida, a do outro sahib e a minha, para encontrar um morto... 15. Mas, Tharkey, eu estou justamente convencido de que Tchong não morreu. 16. Ele morto, sahib!... Eu estive lá em cima... Eu vi avião partido... Mas ninguém vivo... Além disso, não é possível viver lá em cima: muito frio, nada para comer. Tu não partir, Sahib, tu muito novo para morrer também. 17. É o bom senso em pessoa, filho... O sherpa tem mil vezes razão... Desde o princípio que lho digo: é uma loucura!... É preciso renunciar a esse projecto insensato... Sim, o que diz o Tharkey é justo. 18. Bravo!... Até que enfim se torna razoável.



## Maurice Wilson

### O HOMEM QUE, SÓZINHO, ESTEVE PRESTES A VENCER O EVEREST

Descobrimos no sentado, absolutamente só, numa crista nevada a mais de 7600 metros de altitude, no flanco do Everest. Estava um pouco curvado, os seus longos braços estendidos para a frente, como se tentasse atacar os sapatos. Mas os olhos de um verde pálido conservavam-se voltados para o alto, para a montanha que fora o alvo de todos os seus sonhos, de todas as suas ambições.

Jazia ali morto havia mais de um ano quando, em 1935, a Expedição do Everest dirigida por Eric Shipton o descobriu. O frio da montanha conservara o corpo, que estava literalmente mumificado.

Timha o ar de quem espera qualquer coisa. Talvez de esperar que a montanha fosse ter com ele. Mesmo na morte, o seu rosto não exprimia a mínima decepção: no seu olhar lia-se uma paciência infinita. Essa mesma paciência e essa incrível confiança que lhe tinham feito atravessar metade do mundo, para tentar vencer o Everest... sózinho!

Chamava-se Maurice Wilson e era um inglês perfeitamente desconhecido quando, a 17 de Maio de 1934, disse adeus aos seus guias sherpas e ao mundo para se aventurar no temível geleira que leva ao Colo Norte, a única via de acesso então

conhecida para atacar o Everest. Partindo da ideia que um homem ligeiramente vestido e equipado podia vencer onde montanheses carregados tinham falhado, Wilson efectuou a sua tentativa armado apenas... com uma indomável coragem. Embora não tenha vencido a montanha, também não se pode dizer que ela o tenha vencido.

Morreu como desejava, a dois passos — quase podemos dizê-lo — de ver coroados de êxito a sua empresa.

O plano da tenda despedaçado pelo vento jazia a pouca distância do corpo. Numa das algibeiras de Wilson encontrava-se um pequeno livro de apontamentos que continha a narrativa das aventuras mais espectaculares e mais corajosas que um homem jamais tentou.

Aos 37 anos de idade, Maurice Wilson tinha percorrido os milhares de quilómetros que separam o Yorkshire, em Inglaterra, do Himalaia, para responder a um apelo. Filho de um industrial inglês, Wilson fizera a guerra de 1914-18 e fora condecorado com a Military Cross.

Era um homem alto — tanto no físico como no moral. A sua alma — no dizer de um dos seus amigos

de Calcutá — era «tão grande como uma montanha». O seu corpo tinha mais de 1,80 m e a robusta musculatura de que era dotado fazia-o parecer ainda mais alto. Os olhos verdes brilhavam num rosto ruivo, sob o facto cabelo loiro. A sua forma de andar era a de um homem em perfeita forma física, coisa alii verdadeira e tanto mais para admirar quanto era certo que Maurice Wilson vivia às vezes durante meses sem comer mais nada que não fossem umas colheradas de papas de aveia, de vez em quando.

Depois de ter durante anos estudado o «Yoga» que é a arte de controlar o espírito e os músculos, Wilson tinha elaborado um certo número de teorias pessoais. Acreditava que, se um homem conseguisse abster-se quase completamente de comer e beber, e levasse durante certo tempo uma vida monaca, atingiria um estado de «revelação do seu eu» que lhe asseguraria o controle absoluto da própria alma. O mais curioso é que tais teorias pareciam verificar-se na prática quando ele as aplicava em si próprio: grande número de experimentos montanheses e mesmo de médicos, confessam que as proezas que ele levou a efeito na primavera de 1934 ultrapassaram as possibilidades de um homem normal, por muito perfeita que fosse a sua forma física.

Wilson decidiu que, para atrair a atenção do mundo sobre as suas teorias, lhe seria preciso um gesto espectacular. E que haveria de mais espectacular do que escalar o Everest sózinho? Embora não soubesse grande coisa do Himalaia, nem da montanha em geral, mergulhou desde logo em preparativos fantásticos, com vista à audaciosa aventura onde devia afinal encontrar a morte.

Como, em 1933, a expedição Houston tivesse finalmente conseguido sobrevoar o Everest, essa proeza deu a Wilson uma ideia. Ia aproximar-se do Everest em avião e abater-se com o aparelho num ponto bastante elevado no flanco da montanha! Daí, graças à sua força física e espiritual, estava persuadido que não teria dificuldade em alcançar o cume da montanha.

Naturalmente, os amigos tentaram dissuadi-lo de tão insensato projecto, mas ele, quanto mais pensava nisso, mais entusiasmo sentia. Comprou, portanto, um pequeno avião e partiu para a Índia.

Entretanto, em Inglaterra, o Ministério do Ar começava a inquietar-se com o caso e fazia-lhe saber que, segundo todas as probabilidades, o governo do Nepal lhe proibiria o voo sobre o seu território. Como resposta, Wilson saiu de Carachi (Paquistão) onde se encontrava e dirigiu-se a Purnea, de onde contava partir para a sua empresa, depois de ter descansado alguns dias. Mas, exactamente no dia da partida, pelas sete horas da manhã, entrou-lhe no quarto a polícia local e confiscou-lhe o avião «até novo aviso».

Os projectos de Wilson estavam assim seriamente comprometidos, mas ele, longe de perder a coragem, contentou-se com renunciar ao seu plano inicial. E, tendo traçado novo itinerário, dirigiu-se a Daarjeeling (Bengala) resolvido a alcançar o Everest por terra.

Mas, assim que chegou a Daarjeeling, as autoridades locais informaram-no de que estavam encarregados de lhe inutilizar os planos. Depois disso, amigos que conquistara na cidade, homens com longa experiência da montanha, suplicaram-lhe que renunciase à sua ideia.

Qual Wilson continuava firmemente convencido de que um homem ligeiramente vestido e equipado teria mais facilidade em subir ao cume do mundo. E, ninguém, até ao fim, conseguiu convencê-lo do contrário.

Passou o inverno em Daarjeeling, sempre a mascar chewing-gum, talvez para suportar os apelos do estômago, porque se alimentava exclusivamente de papas de aveia. Apesar disso, conservava a forma e não emagrecia.

— Se era doído — disse alguém que o conheceu bem — era o doído mais sã de corpo que ainda vi. Se algum dia fosse possível a um homem só escalar o Everest, esse homem seria ele!



## INSECTOS PARA O JANTAR

Que diríamos nós se hoje ao jantar nos apresentassem um belo prato de gafanhotos fritos? Naturalmente protestaríamos... No entanto, em certas partes do mundo, estes e outros insectos são considerados como deliciosas iguarias...

Assim mesmo! Os insectos que a civilização ocidental rejeita com trejeitos de nojo, são, em várias partes do mundo, um elemento importante na alimentação humana.

Aliás, este nosso preconceito é um pouco difícil de compreender... Nós comemos ostras, amêijoas, camarões... Há quem coma caracóis com grande prazer e os franceses fazem das coxas de rã um prato de categoria. Então por que não comemos insectos?

Comemos mel, que é um produto do reino dos insectos, um néctar que as abelhas trazem no tubo digestivo. E, no entanto, — apesar da nossa aversão pelos insectos — o mel saído do interior das abelhas é um dos mais antigos alimentos humanos. Na Bíblia aparece-nos associado aos gafanhotos. Duvidam? Pois vão ler o Evangelho de S. Mateus, quando nos fala de S. João Baptista no deserto. Lá está: «tinha como vestuário uma pele de camelo, um cinto de coiro em redor dos rins

e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre.

Quando ao mel, continuamos a tomá-lo com prazer e proveito. No que diz respeito aos gafanhotos... os ocidentais tomam-lhes o nariz, embora figurem nas mentes de vários países, como por exemplo, nos do Próximo Oriente.

Os gregos — felizmente para os seus campos cultivados — não tinham gafanhotos, mas comiam... cigarras. Ouviam-nas cantar e depois... tlim... papo!

**FORMIGAS FRITAS E DE CONSERVA!**

Depois do mel e dos gafanhotos, as formigas e as termitas (ou formigas brancas) constituem decerto os alimentos mais correntes e mais importantes entre os insectos e seus produtos que entram na alimentação humana. Formigas e termitas têm o velho costume de aparecer de tempos a tempos em determinadas regiões, formando columnas cerradas: presa fácil e tentadora para as aves, os animais e os

homens. As termitas, principalmente, desempenham um papel importante na alimentação de numerosos povos da África tropical... Os europeus que algum dia tiveram a «louvável» coragem de provar o petisco, declaram que, se não tem gosto agradável é, pelo menos, suportável.

Também as formigas vulgares, essas minúsculas, laboriosas e atarefadas formiguinhas tão nossas conhecidas, são consumidas em numerosas regiões do globo. O Japão exporta actualmente para os Estados Unidos formigas fritas, enlatadas. Segundo dizem os entendidos, são insípidas... Mas, de um modo geral, as tentativas feitas para levar europeus e americanos a comerem insectos, não têm tido um êxito por aí além. Em 1885, um inglês, Mr. Holt, teve mesmo a coragem de publicar um livro de receitas de cozinha intitulado: «Por que não havemos de comer insectos?». Nesse original

volume, dava as receitas de vários manjares, como por exemplo carochas com molho de caril, larvas de vespa fritas, cenouras estufadas com lagartos, borboletas salteadas e outras «iguarias» no género... Mas as donas de casa não compreenderam o alcance daquele plano de auxílio à economia doméstica, e o livro não despertou grande interesse.

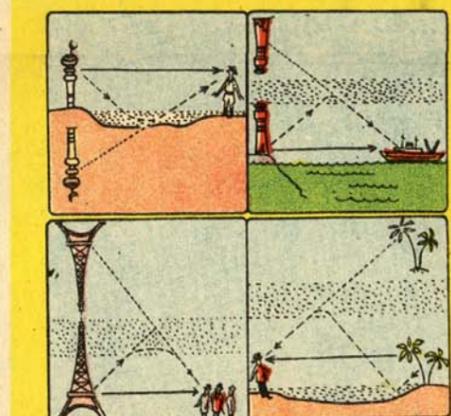
Mais tarde, durante a primeira Guerra Mundial, o célebre entomologista americano L. O. Howard lançou também a ideia de se cozinhar insectos para atenuar a carência de géneros alimentícios. As donas de casa, dando novamente mostras de incrível incompreensão, disseram-lhe que os comesse ele...

David Fairchild, outro americano dos princípios deste século, leu o livro de Howard, achou muito bem e um belo dia decidiu que a família se havia de deixar de esquisitices e comer gafanhotos ao jantar. Mandou-os fritar, deixou-lhes açucar... mas teve que os comer sózinho. Os filhos recusaram-se a colaborar em inovações gastronómicas de tal género.

Assim morreram as últimas tentativas ocidentais para que o gafanhoto frito se tornasse um prato lido apreciado como a lagosta americana ou o frango à caçafol.

E, enquanto europeus e americanos continuam a «fazer cara» a tão boas e económicas iguarias, os orientais e os negros, mais sensíveis, mais pufados, lá vão comendo o belo gafanhoto ou a saborosa termita e não têm «dores de cabeça» ou de preço do peixe ou da carne...

A propósito ou... a despropósito destes assuntos, havemos de converter qualquer dia acerca das fantásticas refeições doutros tempos...



## MIRAGENS! MIRAGENS!

Conta-se que, certa vez, os parisienses puderam ver a Torre Eiffel, invertida, (miragem) e em equilíbrio sobre a sua própria ponta. Obra de reflexão, devida também a uma alta camada de ar quente. Vários camadas de ar quente, entre as quais se encontram outras camadas de ar frio, podem também produzir reflexo e dar-nos imagens não invertidas. Foi a essas imagens na sua posição exacta que se decidiu chamar «miragens». São essas que os viajantes sequeiros vêm no deserto, mostrando-lhes belos oasis com água fresca e frutos apetitosos. Contados!

Todos têm ouvido falar em miragens, quadros aliantes, convidativos, que no deserto fazem primeiro a alegria, depois o desespero dos viajantes.

Pois bem: as miragens são formadas por diversas camadas de ar, sobrepostas. No deserto, o comede de ar quente que fica logo por cima do solo, ao receber os raios de luz envia-se de novo para o alto, produzindo-se assim uma imagem enganadora, invertida.

Pelo contrário, se a camada de ar quente se encontrar por cima do ar frio, a imagem invertida parece estar sobreposta ao objecto real.

Qual Wilson continuava firmemente convencido de que um homem ligeiramente vestido e equipado teria mais facilidade em subir ao cume do mundo. E, ninguém, até ao fim, conseguiu convencê-lo do contrário.

Passou o inverno em Daarjeeling, sempre a mascar chewing-gum, talvez para suportar os apelos do estômago, porque se alimentava exclusivamente de papas de aveia. Apesar disso, conservava a forma e não emagrecia.

— Se era doído — disse alguém que o conheceu bem — era o doído mais sã de corpo que ainda vi. Se algum dia fosse possível a um homem só escalar o Everest, esse homem seria ele!

## O SOL NEGRO

BOM DIA... É ALGUE MUDANÇA?

NEM UM... QUEM LHO DISSE?

O MEU PATRÃO RECEBEU UMA TELEFONEMA DE UM SR. ATAMATO. É O SENHOR?

NÃO! É O MEU... O MEU SOCIO.

ENTÃO DEVE SER PARA NOS VER... SE PARA NOS VER... MÓIS A MOBILIA QUE É...

BOM... É MUITO CEDO!

NEM TENHO ANÇA OUTRA CASA...

O OH... SO DO ATAMATO TEM NOSSA!

ESTÁ BEM... ENTRÓ ENTREM.

BOM... MAS SE O SENHOR NÃO SE IMPORTAR... SE DE NOS MOSTRAR O QUE É... JÁ PENSAMOS UMA IDEIA...

COMECENOS POR... E TUDO PARA IR...

BOM! DOIS MOVES... VAI TO MANDO AS MEDICINAS, JOÃO.

DAQUI TAMBÉM SE LEVA TUDO?

SIM, TUDO.

NÁ TAMBÉM UMA DESDEN SA... UM MOMENTO.

DRING...

PALA ATAMATO! É VOCÊ, GARCIA? OÇA E NÃO ME INTERROMPA! MUITO GRAVE A POLICIA MOCIDA O PODES CHE. ESTOU EM PARIS NUMA CABINA. DENTRO DE DEZ MINUTOS ESTOU AÍ. PREPARE A PORTAÇÃO TOCANDO O QUÊ... NÃO INAO TELEFONEI PARA FAZEREM A MUDANÇA... ALÓ! GARCIA!

OH!

EH! TAXI!

QUA VIVIANNE, DEPRESSA!

SIM, SENHOR.

DEPOIS, DALI VOU A PÉ, PORQUE É MUITO PERTO. TENHO QUE SER PRUDENTE!

ESTE GARCIA SO ME ARRANJA SARILHOS. TENHO QUE POR A ANDAR QUANTO ANTES.

ONDE ESTÁ VOCÊ, GARCIA? SOU EU, ATAMATO!

SUBA!

REPARE NA OÇA QUE APARECEU...

NUNCA SÃO OS CURIOSOS DE ONTEM... EXPLIQUE-ME DEPRESSA O QUE MOUVE, GARCIA...

APARECERAM-ME ESTA MANHÃ A DIZEREM QUE VINHAM DA SUA PARTE. ENQUANTO EU ATENDIA O TELEFONE, ATACARAM-ME, FELIZMENTE QUE TRASO SEMPRE O REVOLVER NA ALGIBEIRA DO ROUPÃO... VIROU-SE O PETIÇO...

E AGORA QUE FAZEMOS DELES PAI...

NÃO! POR AGORA NÃO É MUITO IMPORTANTE AVERIGUAR O QUE SABEM ELES DA NOSSA ORGANIZAÇÃO. É PRECISO FAZER-LOS FALAR. MAS, COMO TEMOS QUE SABER O QUE FAZEMOS DENTRO DE UMA HORA, VOU PÔ-LHE AS ALGIBESAS QUANTO LÓ CE INTERESSAR A PLURIGONETA

INTERESSANTÍSSIMO! BOMITO!

PARCECE QUE NOS AS SUSTANOS POR NADA. ANUAL SAAMOS DE PARIS SEM DIFICULDADE.

PALVEZ! NÃO AVISEI O KIMPO, PORQUE ERA PERIGOSO. MAS ELE DEVE ESTAR PREPARADO...

CÁ ESTAMOS!

MEU RESPETA... VEL AMO, A ALEGRIA DE TER VER ALUMNA O MEU ROSTO É...

TERÁ HA TEMPO PERDEREMOS BASTA TO... KAUICI!

# MAURICE WILSON

(Continuação das páginas centrais)

Quando chegou a data da partida, Wilson contratou três sherpas, enfiou um traje tibetano e partiu à luz das estrelas.

«A luz das estrelas porque?» — perguntarão. Porque em todas as passagens possíveis os agentes do governo tinham ordem para o impedir de realizar a louca ascensão. Vinte e cinco noites durou a viagem de Wilson e dos três sherpas. Quando, finalmente, chegaram ao mosteiro de Rongberk, no sopé do Evereste, os carregadores estavam plenamente convencidos de que o seu «shahib» não era um simples mortal. Quase não comia e era capaz de passar dias e noites seguidas sem dormir. Supersticiosos como são, os sherpas começavam a murmurar que era talvez o deus da montanha de visita à Terra ou algum parente do Yéti, o fabuloso homem das neves.

Wilson foi calorosamente recebido no mosteiro, que aos sherpas, extenuados, parecia um palácio. Mas o inglês tinha pressa de seguir o seu caminho. Depois de ali ter passado um dia ou dois, muniu-se de uma pequena tenda, de ínfima quantidade de arroz e lá se foi, com os seus trajes leves, deixando os companheiros no convento. Contava chegar lá a cima em poucos dias.

Mas estava-se no princípio de Abril, o inverno ainda não terminara por completo. Apanhado por um vento terrível e por rajadas de neve, Wilson viu-se constringido a voltar ao mosteiro.

Qualquer outro homem se teria sentido definitivamente desencorajado com aquela derrota. Mas Wilson não era «como qualquer outro homem». Duas semanas mais tarde tornava a partir, deste vez acompanhado pelos sherpas e com vestuário mais quente.

As peripécias sucediam-se. Wilson não tinha a mínima noção de alpinismo e só a experiência dos sherpas podia salvá-lo. Por vezes, perante tremendas dificuldades, estes sentiam-se tentados a voltar para trás. Mas a confiança no seu estranho «shahib» incitava-os a continuar.

Em dado momento, Wilson escorregou e deu uma queda de quinze metros de altura. Qualquer pessoa teria quebrado os ossos... Mas ele levantou-se sem um arranhão e viu nesse incidente um indício certo de que os «guardiões da montanha» velavam por ele e o protegiam até ter alcançado a sonhada meta.

O segundo «milagre» deu-se quando o inglês descobriu, cuidadosamente enterrada na neve, uma reserva de mantimentos abandonada pela expedição Rutledge, que por ali passara em 1933.

A partir de então, não havia para Wilson a menor dúvida sobre o êxito da sua empresa.

Quanto aos sherpas, esses estavam quase no limite da sua resistência física. Tinham frio, sofriam com a falta do oxigénio, mas tinham, principalmente, medo daquele estranho homem que nunca estava fatigado, e que raramente comia. Em resumo: sentiam uma vontade louca de largar tudo e voltar para trás. Mas, como homens leais e corajosos que eram, não queriam abandonar Wilson à mercê da montanha.

Recusaram-se a ir mais longe, suplicaram-lhe como amigos que renunciasse a tão insensata empresa. Mostraram-lhe as dificuldades, as impossibilidades da ascensão. Mas Wilson não quis ouvir nada. Na manhã do dia 17 de Maio de 1934 trocou com os companheiros um solene aperto de mão e pediu-lhes que o esperassem durante duas semanas. Se até lá não tivesse voltado...

Os homens abanaram tristemente a cabeça...

## A CAMINHO DA MORTE

Wilson levava apenas consigo três pães duas caixas de aveia, uma tenda, um altímetro, uma bandeira inglesa para arvorar no cume do Evereste e um aparelho fotográfico destinado a fixar o testemunho irrefutável da sua vitória.

Apesar de tudo, conseguiu chegar a Colo Norte, e transportar passagens em que os homens da expedição de 1933, bem alimentados e bem equipados, tinham perdido o seu tempo. Só o facto de ter chegado a Colo Norte representava uma proeza sensacional. Mas foi aí que a sorte o abandonou e os «milagres» cessaram. O diário que escreveu dia a dia conta as mil dificuldades que teve de vencer, até ao momento em que, tendo roído a última cõdea de pão, o frio se apoderou dele e a montanha o venceu para sempre.

Hoje, algures, no flanco da montanha que o matou, Maurice Wilson jaz no meio da neve e do gelo. O seu corpo

conserva-se no mesmo estado do dia em que morreu: grande, viril, invencível!

Não há sequer uma pedra ou uma cruz a marcar o seu túmulo, mas, no fundo, é o Evereste, o Evereste inteiro, que lhe serve de monumento fúnebre. Um monumento feito à sua medida.



**APRENDA RADIO TELEVISÃO**  
PELO MODO CURSO TÉCNICO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA E CONCOMITANTE E EM POUCO TEMPO

TODO O MATERIAL QUE AQUI MOSTRAMOS SER-LHE-Á ENVIADO

PEÇA O FOLHETO GRÁTIS E ILUSTRADO AQUI NESTA ESCOLA DO GÊNERO NO MÁIS E REVENIENTE LEGALMENTE

**RADIO ESCOLA**  
Director  
Álvoro Torrado  
Apartado 81 - N.º 1, Ferrão Lopes, 8 - LISBOA  
Telef. 4.31.36

## AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

13

BRINCANDO UM POUCO COM A BOLA!

Eu sei, porque também já fui jovem aprendiz, quanto vocês gostam do contacto com a bola. Acredito que, como bons discípulos, vocês seguem os meus ensinamentos com a maior aplicação, mas as dissertações sistematicamente teóricas acabarão por enfadarem.

Hoje procurarei continuar a ensinar-lhes processos de adrestramento, mas de modo que, simultaneamente, se divirtam. Isto é, aprendendo a brincar com a bola.

Há variadíssimos exercícios indicados para o aperfeiçoamento da execução. Temos, por exemplo, a afinação da pontaria. Todos desejariam poder acertar sempre com a bola no sítio escolhido. Pode praticar-se essa espécie de tiro ao alvo, ou melhor, pontapé ao alvo, de modo divertido, que mantenha os praticantes distraídos e entretidos ao mesmo tempo que afinam a sua pontaria. Eis uma série de exercícios.

### JOGO A TRÊS

Neste jogo, com três jogadores e uma bola, consegue-se simultaneamente exercitar a certeza de pontapé em movimento, a rapidez de execução e o poder de finta. Além disso, que já não seria pouco, obtém-se também uma preparação física notável, pois os jogadores, entusiasmados pelo jogo, fartam-se de correr e saltar, quase sem darem por isso.

O jogo resume-se nisto: dois dos parceiros, de posse da bola, procuram, sem violência excessiva, trocar entre si a bola, tentando acertar no outro companheiro, que colocado ao meio, esquivará os golpes. Este alvo humano ficará no centro de um círculo com cinco metros de raio, não podendo os «adversários» alvejá-lo, quando a bola esteja dentro desse limite protector. Da rapidez e oportunidade de pontapé (bem como da maneira como cada «caçador» recebe e domina a bola) dependem as probabilidades de se atingir o «alvo». Naturalmente, para que todos prati-

quem um pouco, os jogadores vão alternando de funções.

Como variante (excelente treino para defesas e guarda-redes), o jogador-alvo pode tentar interceptar a bola, isto é; os dois de fora tentam trocar entre si o esférico, fazendo-o passar por dentro do círculo, mas fora do alcance do adversário. Este, se se tratar de um guarda-redes, pode utilizar as mãos na interceptação; se for um «back», apenas poderá utilizar os pés (ou a cabeça).

### ACERTAR NO BURACO

Outro exercício, que serve como variante, especialmente para «calmante», após meia hora bem puxada do jogo anterior, é o do pontapé ao buraco. Consiste em fazer passar a bola, atirada com o pé, através de um buraco rectangular, feito numa prancha vertical, com cerca de um metro quadrado de superfície (mais ou menos, claro). O rectângulo interior pode medir sessenta por quarenta centímetros. Cada jogador tem direito a quatro pontapés, com a bola arrancada do solo, sendo dois com cada pé. Ficando o alvo colocado perto de uma parede, a bola, no ressalto, permite uma recarga, em movimento. Por cada pontapé certo, o jogador marca dois pontos. Nos pontapés de recarga, só marca um ponto.

E ganha, naturalmente, aquele que somar mais pontos, ao cabo de certo número de séries de chutes combinados. Estes exercícios, mantendo os jovens praticantes entretidos, são excelentes para aperfeiçoamento das qualidades técnicas dos jogadores.

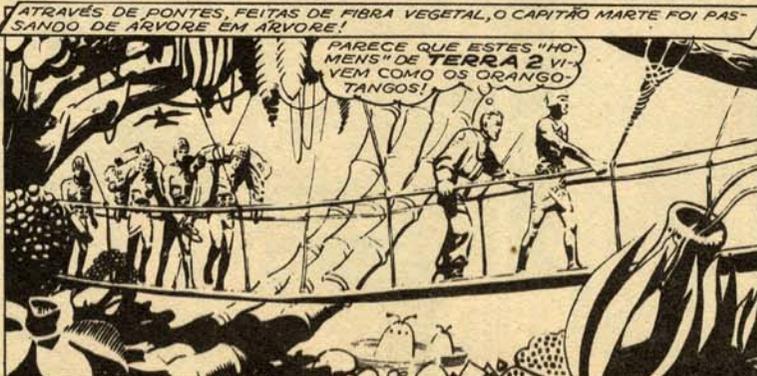
No caso de esquadrimos inveterados, ou de rapazes, que, por mais que façam, não conseguem acertar com o pé direito, é recomendável a insistência da prática do tiro, exactamente com o seu chamado «pé cego». Se tiverem realmente espírito de perseverança, os mais desajeitados conseguirão corrigir o seu desajeitado pé.

Mais tarde, ensinarei outros jogos semelhantes.

## AVENTURAS DO CAPITÃO MARTE

# O PLANETA DESCONHECIDO

CONTINUAÇÃO DA CAPA



CONTINUA

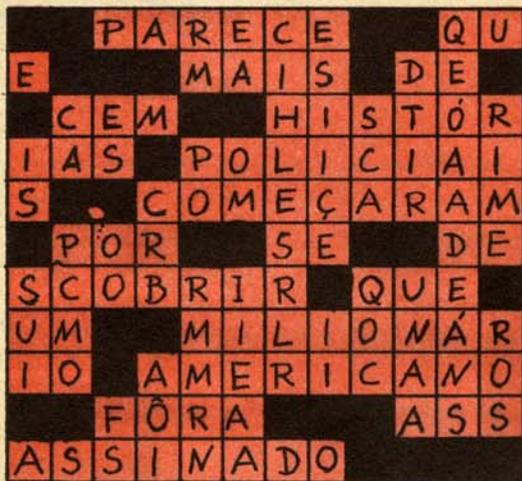
# CLUBE DO MISTÉRIO



## A SOLUÇÃO DO POLICIGRAMA N.º 1

Está perante vós o primeiro «POLICIGRAMA» devidamente solucionado. Segundo parece, os «membros» do «CLUBE DO MISTÉRIO» sentiram algumas dificuldades na resolução do problema, mais por falta de treino do que pelo intrincado da solução. Afinal não restava mais do que um

- H — LICEAIS
- I — SER
- J — CAIS
- L — RENDEM
- M — NADO
- N — AMOR
- O — CÚPRICO
- P — QUIS



paciente trabalho de sinonímia, isto é, a descoberta dos sinónimos das palavras indicadas e que eram bastante fáceis.

A solução de todas as palavras indicadas por ordem alfabética era a seguinte:

- A — MISÉRIA
- B — EÇA
- C — PAPO
- D — QUERER
- E — ASSIM
- F — TOLICE
- G — HORMONAS

- Q — MESA
- R — SOMA
- S — BOI

Depois de todas estas letras substituídas nas casas respectivas (CONFRONTAR COM O PROBLEMA PUBLICADO NO N.º 9 do «FOGUETÃO»), encontrava-se a «chave», que era parte do primeiro período do conto do Padre Brown «A FLECHA DO CÉU», de Gilbert Keith Chesterton. Parabéns a todos os que acertaram e em breve daremos aqui o nome do vencedor e o Quadro de Honra dos melhores.

## TESTE DE MEMÓRIA... A LONGO PRAZO



Este sapato aparentemente não interessa visto assim isolado, mas serve-nos para apreciar um coeficiente de memória... a longo prazo.

Na semana passada, publicámos aqui uma foto que tinha um sapato igual a este, e outros objectos.

Alguém se lembra quais eram? Reparem que às vezes, num caso policial, uma testemunha ocular que consegue lembrar-se dos objectos que estavam em dado momento num determinado lugar, pode apresentar um «alibi» para um indivíduo ou demonstrar a culpabilidade de um outro.

Façam de conta que um agente lhes pergunta:

— Quais eram os outros objectos que se encontravam junto do sapato?

E já agora, aos que têm memória excepcional, perguntamos nós:

— E lembram-se a que objectos correspondiam as letras B; C; D e E?

Se não se recordarem, vão ver o número passado. E para a outra vez mais atenciozinhos aos pormenores...

## VAMOS PRODUIZIR POLICIGRAMAS?

Muitos «membros» do nosso «CLUBE» pedem-nos que os ensinemos a produzir «POLICIGRAMAS», o que vamos fazer hoje.

Se nos aparecerem depois produções de jeito, teremos até muito gosto em publicar os trabalhos que nos forem enviados e talvez — quem sabe? — organizemos o 1.º TORNEIO DE POLICIGRAMAS. Que dizem?

Concordam? Então fixem os dados necessários para produzirem enigmas deste género.

1.º Escolhem uma frase de um conto policial qualquer, de autor bastante conhecido.

2.º Escrevem a frase em maiúsculas em papel quadriculado, uma letra em cada quadradinho para ser mais fácil e deixando o espaço das respectivas palavras.

3.º Retirando letras ao acaso, vão compondo novas palavras e passando um traço sobre cada uma das letras usadas.

4.º Depois de todas as letras da frase riscadas, isso significa que transformamos a frase num conjunto de palavras diferentes.

5.º Para preparar o recticulado do «policigrama», contam-se todas as letras da frase e o número de espaços que existem entre todas as palavras.

Depois calcula-se aproximadamente um quadrado ou um rectângulo (quase quadrado) onde caiba toda a frase, separadas as palavras por um ou mais quadrados pretos, pois nenhuma palavra pode ficar colada a outra.

6.º Preparado o «policigrama», numeram-se seguidas todas as casas livres.

7.º Escrevem-se todas as novas palavras à frente das letras do abecedário, tantas quantas as palavras que arranjámos.

8.º Vamos colocando debaixo dos traços das letras os números em que se encontram letras iguais.

Ex.: A palavra é MISÉRIA. Vamos à procura na frase colocada no POLICIGRAMA-SOLUÇÃO onde está um M — casa 10; um I casa 58; S casa 89; um E casa 9; e assim sucessivamente.

Depois marcamos em todas essas casas números 10; 58; 89; 9 etc. a letra de referência A.

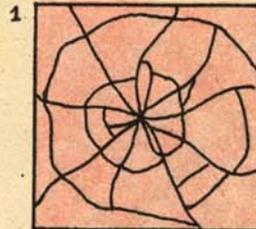
9.º Depois de numeradas e referenciadas com letras as casas todas, vamos pôr o problema à argúcia dos investigadores literários...

Precisamos de encontrar uma palavra cujo sinónimo seja MISÉRIA

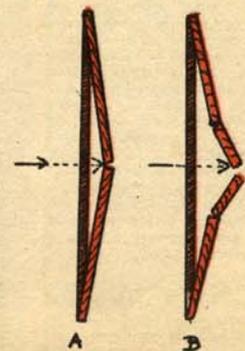
## TÉCNICA POLICIAL

PARA OS QUE APRECIAM A «TÉCNICA» E ACREDITAM NO VALOR DO POLÍCIA DE LABORATÓRIO, AQUI TÊM ALGUNS ELEMENTOS ÚTEIS NO ESTUDO DE VIDROS PERFURADOS POR BALAS.

NA FIGURA 1, PODEMOS OBSERVAR A IRRADIAÇÃO PROVOCADA NO VIDRO DEPOIS DE TER SIDO ATRAVESSADO POR UMA BALA.



NA FIGURA A VEMOS A QUEBRA DO VIDRO NO MOMENTO DO PRIMEIRO IMPACTO DA BALA NO SENTIDO DA SETA; E NA FIGURA B O VIDRO A QUEBRAR POR SI NAS SEGUNDAS FRACTURAS, AINDA SOB O EFEITO DA FORÇA A QUE FOI SUJEITO.



e é essa palavra que indicamos à frente do A, embora deixemos que A —40 —58 —89 —9 —59 —33 —2.

Tem 7 letras, tantas quantos os riscos.

Depois um sinónimo de EÇA ou uma explicação cuja solução só possa ser EÇA. Por exemplo «Nome próprio de um grande escritor português Etc... etc...»

Mas a melhor maneira de perceberem isto tudo é pegarem no primeiro POLICIGRAMA que publicámos e agora na solução de hoje, até compreenderem bem.

Façam um exercício pequenino para começar e depois... mãos à obra «policigrama-sherlocks». Cã ficamos aguardando os vossos trabalhos!

## O CASO DO PEIXE ROUBADO

Por muito estranho que pareça, junto da margem do rio Qualquer Coisa, sobre o muro da propriedade da Senhora Matias, via-se um esplêndido aquário com dois peixes. Ora em certa tarde um desses peixes desapareceu. Era um dos poucos exemplares que naquele rio tinham sido pescados. Pelo menos, assim diziam as pessoas de boa memória.

Muito agitada, a Senhora Matias correu a casa do Inspector Fumaça e contou-lhe tudo, mesmo tudo!

De cachimbo na boca, o nosso Fumaça que lembrava uma locomotiva, precipitou-se para o local do crime e, depois de convocar os poucos apaixonados da pesca que ainda se entretinham nas margens dos rio, pôs-se a examinar os peixes pescados.

Pouco tempo lhe bastou para descobrir o culpado. De facto...



## O OVO DE PÁSCOA ENVENENADO

(Solução do número anterior)

Foi Lúcio Lobane quem matou Carlos. Ofereceu-lhe o ovo envenenado às 8,10 da manhã. Antes de partir para o jornal, ele próprio preencheu as casas das palavras cruzadas. O seu fim era provar que a morte se dera uma hora mais tarde o que, automaticamente, acusaria Sílvia.

## PROFISSIONAIS DO IMPOSSÍVEL

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2)

devia saltar para um cavalo a partir a galope em perseguição de Martine Carol. Mas, embora o salto resultasse, o cavalo teimava em não partir, e foi só ao fim de dezanove tentativas que conseguiram convencê-lo.

A noite, no ático do hotel onde estava hospedado, Jacky Blanchot quis fazer psinar a empregada da recepção e pôs-se a imitar a cena. Mas estava tão fático que caiu... e foi parar ao hospital com a cabeça partida! Uma verdadeira ferida de amor próprio!

Os «scasse-cou» franceses trabalham, trabalham muito — cerca de 250 dias por ano — e correm riscos mortais, de tal forma que apenas uma companhia de seguros inglesa aceita cobrir esses riscos.

É claro que este trabalho é bem pago: uma queda «rende» dois a três mil escudos, um salto de cavalo cerca de cinco mil escudos e assim por diante. Os americanos pagam melhor, pois pelo mesmo trabalho, recebe um «stuntman» o equivalente a nove ou a dez mil escudos.

Mas os «destravados» franceses têm fama de corajosos e hábeis, o que lhes vale não poucos contratos para o estrangeiro.

Ao terminar as filmagens de «Fanfan

la Tulipe» onde, como devem estar lembrados, as cenas de perigo e valentia abundavam, o grande e simpático actor francês que foi Gerard Philippe escreveu: — As verdadeiras vedetas do filme são os «scasse-cou».

Bela homenagem a que os membros do Clube não foram insensíveis.

Mas nem sempre os valentes rapazes são obrigados a saltar de um automóvel em chamas ou a descer uma escada de forma original. Por vezes, sucedem-lhes também coisas patéticas.

Um dia, por exemplo, certo realizador francês arrancava os cabelos ao tentar explicar a uma foca — no filme «Mon phoque et elle» que, antes de mergulhar, devia fazer um sinal com as barbatanas. Qual! A foca não percebia... Nesse momento passou Gil Delamare.

— Você está livre? — perguntou o realizador.

- Estou.
- Então contrato-o.
- Para «dobrar» quem?
- A foca.

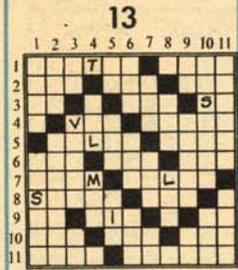
E foi assim que um «scasse-cou» francês se tornou pela primeira vez na sua vida um mamífero aquático. É que, na carreira dos profissionais do impossível... tudo é possível!



# PASSATEMPOS



## À PROCURA DE UMA PALAVRA



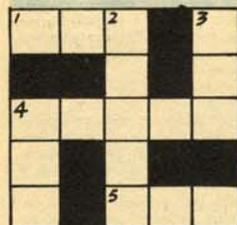
**Horizontais:** 1 - Quartzo translúcido de cores variadas (c.p.l.); espécie de esquife em que se transportam doentes. 2 - Dois mil e dois romanos; abundância; circularavam. 3 - Alumínio (simb. quím.); espaço de tempo; apelido. 4 - Lugar pouco fundo do rio, onde se pode transitar a pé ou a cavalo; converter em soro. 5 - Dança a dois ou a três tempos moderados; recitara. 6 - Dez vezes cem; escudeiro; rio que banha a cidade de Leiria. 7 - Carne do lombo do boi de entre a pá e o cachão; assobio das serpentes. 8 - Que não ri; camareira. 9 - Estanho (simb. quím.); consentimentos; isolado. 10 - Ainda; Satélite da terra; Benefício. 11 - Estampilha; corda com que se prende o navio a um ponto fixo.

**Verticais:** 1 - Ter amor a; argamassas. 2 - X; X. 3 - Nesse lugar; ter valor; artigo (ant.). 4 - Aquilo que se opõe ao bem; nota musical (pl.). 5 - Brisa; empresa; língua que outrora se falou no norte da França. 6 - Ruído; gemidos; mula. 7 - Rente; terra portuguesa do concelho de Oliveira do Bairro; antes do meio-dia (abrev.). 8 - Astro rei; o bagaço de que se faz a água-pé. 9 - Grito de dor; erva rasteira e fina; Bromo (simb. quím.). 10 - Série de casas; pertencer. 11 - Desejar; capital europeia.

### SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR



## CROSSWORDS



### HORIZONTAIS:

- 1 - GRANDE
- 4 - ÉBANO
- 5 - ORELHA

### VERTICAIS:

- 4 - COMER
- 2 - LUVÁ
- 3 - RAFAZ

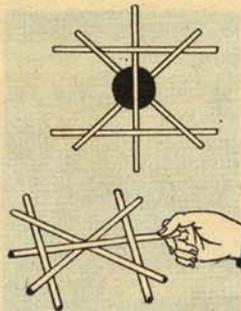
### SOLUÇÃO



## QUAL É O CASTELO ASSOMBRADO?



Num destes castelos aparece um fantasma, aliás — devemos dizê-lo — inofensivo e bom rapaz... Em qual deles?



### PARA OS HABILIDOSOS

Cinco palitos ou cinco fósforos do mesmo tamanho. Temos que os levantar todos ao mesmo tempo, mas tocando apenas num deles. Difícil!

Não tanto como parece. O problema resolve-se entrecruzando os palitos ou os fósforos, conforme mostra o desenho. Se colocarmos ao meio uma pequena rodela de cartão, a experiência será ainda mais fácil.

## O MAPA RASGADO



Quilómetros de terreno a 3 km. Trata-se de...

quitos

TOS!

RADIA

de Lobos, gran...

...

Jovem estudante, afilíssimo e um pouco cábula, pede aos seus estimados colegas que o ajudem a reunir os diferentes pedaços de um mapa que por distração rasgou. Cada país é formado por dois pedaços de mapa. Quais são esses pedaços e quais os países por eles representados?

### CARCAVELOS

Casa aluga-se época...

CASA

Malveira da Serra

A 7 quilómetros de Cascais, esplêndida e linda vista, grande garagem. Aluga-se ou vende-se. T. 862700.

### CAMI

PREDIOS - Com 9% em Lisboa e MORADIAS - I...

SOLUÇÃO

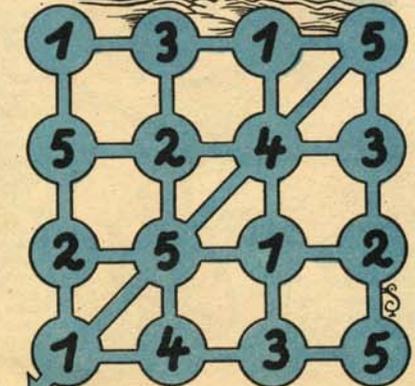
Portugal: 5+9

Finlândia: 1+4

Espanha: 7+6

México: 3+12

## PILOTO, PRECISA-SE



...Para conduzir este navio a bom porto. A pessoa escolhida deverá partir do n.º 5 no alto à direita, para chegar ao n.º 1 onde fica a ponta da flecha, passando por mais cinco algarismos, além dos que ficam no percurso da seta. A soma total dos oito casas deve ser 25.

### SOLUÇÃO

Soma = 25.  
4, e 1 (em baixo à esquerda).  
A rota do barco será 5



## Filatelia

por HENRIQUE MANTERO

### A LIMPEZA DOS SELOS

Os selos devem ser lavados sempre em água fria. No entanto, há manchas que só saem em água morna ou mesmo quente, desde que as tintas empregadas nos selos não se alterem. Para as fixar, é conveniente misturar-se na água um pouco de sal.

Desde que haja gordura, os selos lavam-se numa mistura de álcool e benzina rectificada. Na benzina rectificada podem mesmo meter-se os selos novos com goma, pois esta não se altera.

### A FAMÍLIA FILATÉLICA

O selo tem já uma grande família. E consideramo-la como tal, pois do colecionamento de selos tudo nasceu. Por exemplo:

**Macrofilia:** Tudo que diz respeito ao estudo das obliterações.

**Inteiros postais:** Fórmulas postais emitidas já com o selo impresso, como cartas, postais, etc.

**Reimpressões:** selos que foram reimpressos para comemorar qualquer facto e que foram distribuídos a título de lembrança em Congresso Postal, aos componentes duma visita do Rei de Espanha, etc.

**Vinhetas:** Vinhetas que se mandam imprimir comemorando um facto postal, exposição, propaganda, turismo, etc, e que não são oficiais.

é egoísta. Se tem dois exemplares iguais, é com facilidade que A oferece um deles a B. Eis a razão da Filatelia ser conhecida sob a designação de Família Universal. Se o filatelista, algum dia, sai da sua terra e leva uma lista dos seus correspondentes, dentro ou fora do seu país — ou mesmo não os conhecendo e sabendo apenas que são filatelistas, os visitar — pode ter a certeza de que será recebido de braços abertos, como em sua casa. Todo o filatelista tem interesse em mostrar as raridades que possui e em transmitir o resultado dos seus estudos, discutir certas teses que o preocupam e que, tanto a um como a outro, só dão prazer.

Portanto, para fazermos parte dessa grande «família», temos que nos igualar em bondade, em franqueza, abrindo a todos o nosso coração e a nossa inteligência.

## NOVIDADES ISRAEL (FLORES)



Num dos últimos números falámos dos colecionadores, verdadeiros filatelistas.

Estes estudam, analisam em especial certas emissões que lhes oferecem campo de estudo, encontram novos tipos e novos cuinhos, marcando raridades e fornecendo aos catálogos elementos que muito os enriquecem. Este é o filatelista.

Não deixam de observar os papéis, as tintas, os retoques. São os historiadores de uma emissão sendo, muitas vezes, da Filatelia do seu país, chegando a torná-la numa ciência. Seguir regras é fácil; revolucionar, revolver e dar ao mundo mais ciência, mais conhecimentos, criando e trazendo à luz do dia o que estava imerso na escuridão, é mais difícil mas mais aliciente, mais belo, estimulando não só a nossa vontade, como a vontade dos outros, que vão nascendo para a luta.

### A FILATELIA — SINÓNIMO DE FAMÍLIA UNIVERSAL

Tudo que aprendemos devemos oferecer aos outros. O colecionador gosta de ter mais não

Esta emissão comemora o 13.º aniversário da proclamação do Estado de Israel. Desenhos de Zury Markiss, de Tel Aviv. 0,07 «Mirtus Communis» 0,12 «Urginea Maritima» e 0,32 «Nerium Oleander».

## O QUE FALTA NO MERCADO?



Nesta cena de um mercado há coisas que não estão certas, coisas a menos e coisas a mais. Quem bem procurar encontrará seis erros. Quais são eles?

### SOLUÇÃO

1. Falta um pé no banco; 2. As sandalhas do cafetiere e da chivena seguem direções diferentes; 3. A vendidoreira tem um dedo a mais na mão esquerda; 4. A asa do mofo está solta; 5. Os algarismos do relógio da torre são demais; 6. O guarda-sol não tem cabo.

# A GRANDE AVENTURA SUBMARINA DO SÉCULO XX A EXPLORAÇÃO DO 6.º CONTINENTE

VIAGENS  
em  
PORTUGAL



## CUBA

Bejo dia para o nosso passeio semanal, hem? Sol, um vento leve e fresco, um delicioso amanhecer. Onde vamos hoje? Não adivinhem! Uma... Duas... três... A Cuba! Não se assustem! Vamos até ao Alentejo, à risonha vila onde nasceu e onde dorme o último sono um dos mais vigorosos escritores do século XIX. Acertaram! Fialho de Almeida.

Reparem: a vila de Cuba é servida por estradas nacionais que a põem em contacto com todo o país, mas possui também estradas e caminhos municipais e dos melhores. Não há aqui qualquer povoação ou centro populoso que não disfrute dessa importante regalia.

Que nos dizem às ruas? Limpas, bem cuidadas, quase todas muito extensas. E aqui temos uma Rua Augusta, como em Lisboa. Mais modesta, naturalmente, mas de bom piso, com os seus 800 metros de comprimento e uma curiosa particularidade: todos os prédios são de réz-do-chão, apenas.

Querem saber a história da vila? Então vamos até ao Monte do Outeiro, local muito próprio para esse desfiar de recordações. Reparem nas ruínas que ainda aqui se podem ver. São dum castelo fundado pelos romanos. Dos romanos passou aos árabes e, finalmente, foi conquistada pelos soldados do nosso rei D. Sancho II. Estes, quando ocuparam a povoação encontraram grande quantidade de cubas e outras vazilhas de aquele tempo. E assim, das cubas, nasceu Cuba.

As armas da vila são o índice da sua riqueza agrícola: em campo verde, quatro espigas de trigo de ouro e uma haste de oliveira florida de prata. O ramo atado com uma fita vermelha é acompanhado por dois cachos de uvas cor de púrpura com folhagem de ouro. Na parte superior do braço uma coroa mural de prata com quatro torres. Em redor, um listel branco com os dizeres Vila de Cuba, a negro.

Como todas as terras, Cuba tem as suas celebridades. Entre elas e mais próximo de nós, no tempo, está Fialho de Almeida que — já o dissemos — repousa no cemitério local.

Mas de uma outra figura se orgulha Cuba: a do Padre Diogo Dias Melgaço, que viveu no século XVII e foi alguém entre os compositores musicais do seu tempo.

Se gostaram de Cuba e querem cá voltar, venham nos primeiros dias de Setembro, quando se realiza a feira anual. E uma feira no Alentejo, rapazes, é um mundo de pitoresco e de cor!

Equipado com uma máscara, com um tubo de respiração e com barbatanas, trazendo às costas uma reserva de ar comprimido em garrafas, o mergulhador tinha conquistado a independência completa. Podia agora evolucionar nas três dimensões como o pássaro no ar, com a mesma facilidade e igual segurança. O pescador submarino passava a fazer parte integrante do mundo subaquático!

## MILHARES DE TRABALHADORES SUBMARINOS

Esta conquista do homem iria, no entanto, proporcionar-lhe algo mais do que alguns peixes fritos, ou pitéus de mariscos. Nos domínios da ciência e da indústria, desenvolviam-se especializações até então exclusivamente terrestres: a fotografia, o cinema, as buscas arqueológicas, os trabalhos de construção, a pesquisa do petróleo. Os especialistas de biologia marítima estavam em condições de trabalhar no ambiente próprio das suas experiências. Todos aqueles para quem a água era um obstáculo, dificuldade no local do trabalho, adoptaram com entusiasmo o escafandro autónomo: espeleólogos, osteicultores, pescadores profissionais, sociedades de trabalhos públicos, administrações de portos.

Após os trabalhadores do mar, vimos surgir, em grande número, os trabalhadores «sob o mar». Nas costas do Texas, homens-rãs exploram para as companhias petrolíferas os jazigos submarinos. Os pescadores de nácar e de pérolas, no Japão e na Polinésia, utilizam agora o escafandro. E foram ainda mergulhadores autónomos que trabalharam sob as águas polares, quando da construção da Dew-Line (linha de detecção avançada), ao longo das costas árticas do Canadá e do Alasca. Outros homens-rãs são treinados para o trabalho, em águas árticas e antárcticas, de forçar a passagem quando uma barreira impede o trabalho dos quebra-gelos, ou de prestar serviços aos submarinos do tipo «Náutilos» transpolar.

## O MILAGRE DOS FATOS DE NEOPRENE

Este breve balanço das possibilidades do mergulho autónomo demonstra bem a sua real utilidade e explica como este desporto, nascido em França, conquistou o Mundo para responder aos anseios dos desportistas, às necessidades da indústria a às exigências da ciência.

E, poucos anos decorridos, do pescador submarino passou-se rapidamente à utilização de batiscafos, de discos submarinos, bicicletas motorizadas subaquáticas, que proporcionam aos mergulhadores maior rapidez e quase ilimitadas possibilidades.

Se o caçador submarino é apenas um desportista estival que pratica um desporto apaixonante, é também certo que ele desce às grandes profundidades onde as descobertas, ou achados e as surpresas são constantes. Tudo se passa como se ao homem das cavernas, cercado por densas florestas e montanhas intransponíveis, fosse dada de repente uma espingarda, uma motocicleta ou um helicóptero para tomar conhecimento do mundo desconhecido que o rodeava.

Não se julgue, no entanto, que o mergulho submarino é unicamente uma prática de verão. Cite-se, por exemplo, Louis Lourmais que desceu o Rio Frazer e o São Lourenço, no Canadá, e o Reno, Europa, percorrendo centenas de quilómetros de águas geladas. Os lagos da montanha, na Europa e na América, as costas da Filândia, da Escandinávia e da Inglaterra são igualmente explorados de verão e de inverno, isto graças aos fatos especiais, em mousse-neoprène, que permitem aos homens-rãs trabalharem em águas muito frias.

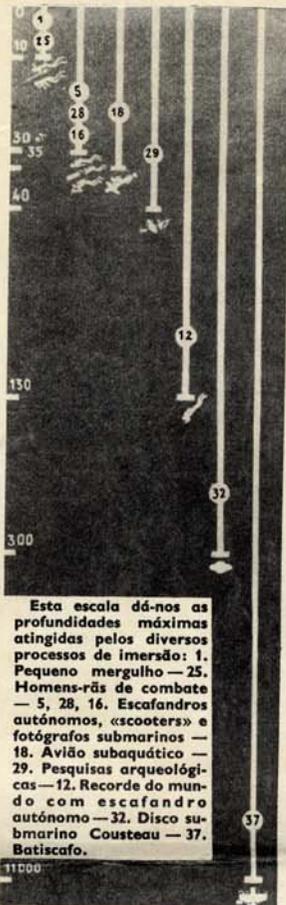
As técnicas de imersão foram estudadas e postas em prática, ao mesmo tempo que se processava o desenvolvimento dos materiais, e assim, os modernos escafandristas, como os esquiadores, possuem, desde há anos, os seus instrutores e escolas.

E que surpreendentes descobertas se revelaram aos neófilos desta grande aventura do século XX!

Os batiscafos atingiram profundidades jamais sonhadas pelos submarinos clássicos. Sucessivamente, mergulharam até 3000 metros (Professor Picard), 4000 metros (Hout e Wilm, no batiscabo francês FNRS-3), depois 5600 metros e 7600 metros com o «Trieste», construído pela Marinha dos Estados Unidos e que recentemente desceu à fantástica profundidade de 11 521 metros, no fosso das ilhas Marianas.

As «scoters» submarinas, propulsadas por acumuladores, e os torpedos Rebikoff «motorizaram» os mergulhadores, alargando consideravelmente o seu campo de acção.

Entre estes dois termos — o mergulho ao nível das primeiras dezenas de metros, e as grandes profundidades atingidas pelos batiscafos, — surge agora a mais recente criação nesta matéria: o disco submarino, utilizável até aos 400 metros.



Esta escala dá-nos as profundidades máximas atingidas pelos diversos processos de imersão: 1. Pequeno mergulho — 25. Homens-rãs de combate — 5, 28, 16. Escafandros autónomos, «scoters» e fotógrafos submarinos — 18. Avião subaquático — 29. Pesquisas arqueológicas — 12. Recorde do mundo com escafandro autónomo — 32. Disco submarino Cousteau — 37. Batiscabo.

## PROFUNDIDADES INACESSÍVEIS

A estes êxitos da técnica, vieram juntar-se os dois mergulhadores isolados: em 20 de Agosto de 1959, os italianos Ennio Falco e Cesar Olgiati elevaram para 131 metros o recorde de profundidade atingida pelos escafandros autónomos de ar comprimido.

Quem teria imaginado, há vinte anos, entre os curiosos que se entretinham a caçar meros e a descobrir ânforas, que o olhar humano pousaria sobre o fundo dos oceanos, a 11 quilómetros de profundidade?!

Mas a conquista do 6.º continente mal começou ainda. Dezenas de milhares de jovens entregam-se hoje em dia à colonização do mundo submarino, entre os corais vermelhos, os destroços de barcos naufragados e as criaturas sem nome dos abismos...



O caçador submarino Jean-Albert Foëx, com um tubarão arpoado no Mar Vermelho, no golfo de Akaba.

Há um quarto de século, pouco mais ou menos, por volta de 1930, surgiram na Côte d'Azur os primeiros pescadores submarinos que, com maior ou menor dificuldade, conseguiram apanhar alguns peixes. E, no entanto, foi assim que tudo começou... Através dos vidros das suas máscaras, aqueles pioneiros tinham, ao mesmo tempo, entrevisto um mundo desconhecido, presentido a conquista do novo continente, o continente azul, o 6.º continente!

Desde Alexandre o Grande e Cleópatra, rainha do Egipto, que os povos do Mediterrâneo se afdigavam a construir máquinas de imersão, que lhes permitissem penetrar no mundo submarino, de que desejavam a soberania e as riquezas.

Mas, através dos tempos, todas as tentativas sofriam graves limitações, pois os mergulhadores necessitavam de manter-se ligados à Terra, presos ao barco de onde tinham partido, cativos, paralisados e com uma visão imperfeita das coisas que os rodeavam.

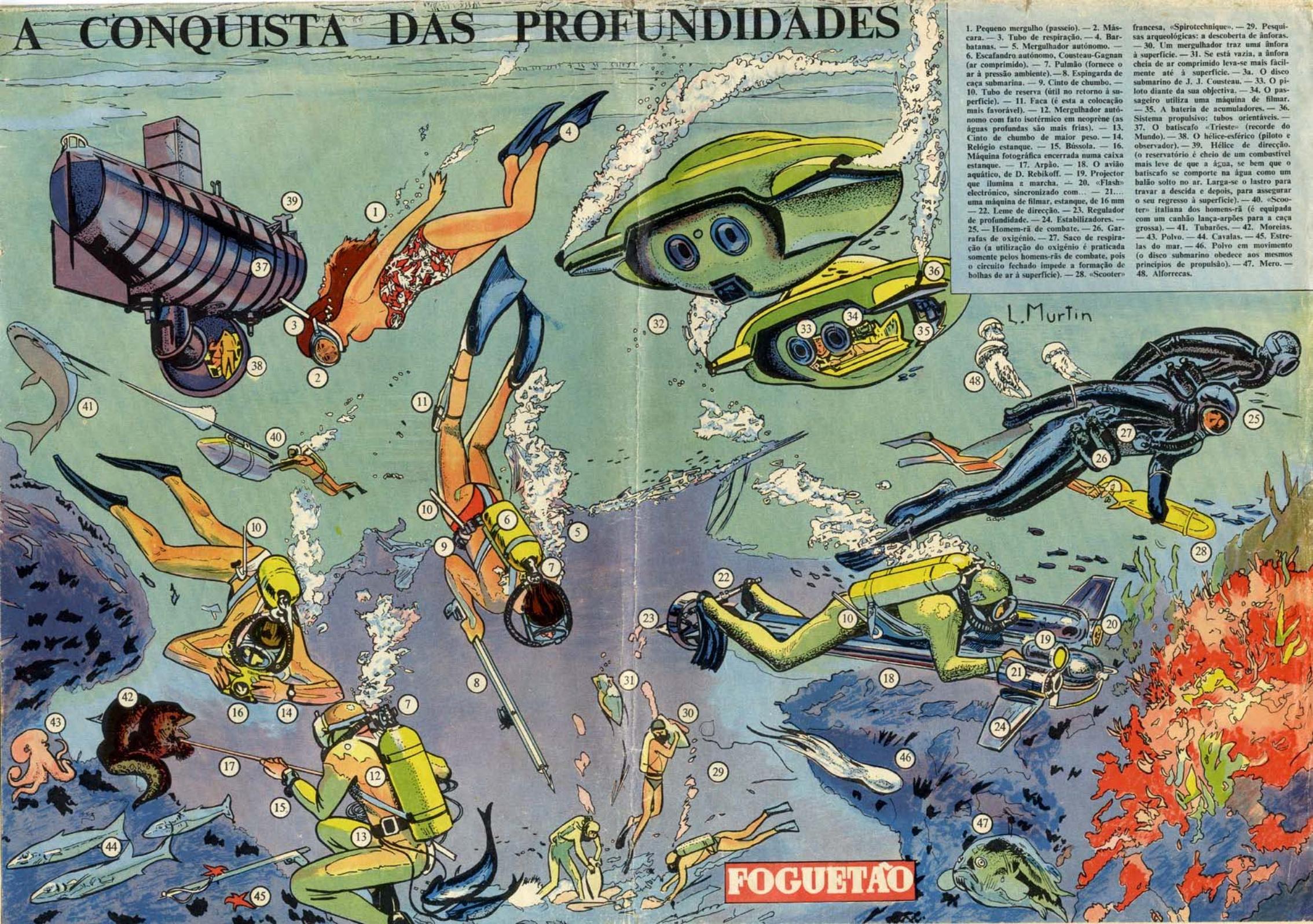
A máscara submarina trouxe-lhes a vista nítida e perfeita; as barbatanas de borracha deram-lhes uma mobilidade superior; e, sobretudo, a invenção do escafandro autónomo libertou-os da dependência terrestre, abolindo os tubos e cabos que entravavam a acção dos escafandristas tradicionais.

## A 35 METROS DE PROFUNDIDADE, COM OS FOTÓGRAFOS SUBMARINOS

À ESQUERDA: «NÃO SE MEXAMI OLHEM O PEIXINHO! UMA EQUIPA DE FOTÓGRAFOS SUBMARINOS EM PLENO TRABALHO. AO CENTRO: NUM LAGO SUÍÇO, O MERGULHADOR OBSERVA OS RESTOS DE UMA VILA LACUSTRE PRÉ-HISTÓRICA. À DIREITA: O AVIÃO SUBAQUÁTICO ATERROU SEM NOVIDADE. (17 METROS)!



# A CONQUISTA DAS PROFUNDIDADES



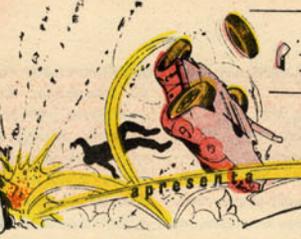
1. Pequeno mergulho (passivo). — 2. Máscara. — 3. Tubo de respiração. — 4. Barbatanas. — 5. Mergulhador automático. — 6. Escafandro automático. Cousteau-Gagnan (ar comprimido). — 7. Pulmão (fornece o ar à pressão ambiente). — 8. Espingarda de caça submarina. — 9. Cinto de chumbo. — 10. Tubo de reserva (útil no retorno à superfície). — 11. Faca (é esta a colocação mais favorável). — 12. Mergulhador automático com fato isotérmico em neoprene (as águas profundas são mais frias). — 13. Cinto de chumbo de maior peso. — 14. Relógio estanque. — 15. Bússola. — 16. Máquina fotográfica encerrada numa caixa estanque. — 17. Arpão. — 18. O avião aquático, de D. Rebikoff. — 19. Projector que ilumina e marcha. — 20. «Flash» electrónico, sincronizado com... — 21... uma máquina de filmar, estanque, de 16 mm — 22. Leme de direcção. — 23. Regulador de profundidade. — 24. Estabilizadores. — 25. — Homem-rã de combate. — 26. Garrafas de oxigénio. — 27. Saco de respiração (a utilização do oxigénio é praticada somente pelos homens-rãs de combate, pois o circuito fechado impede a formação de bolhas de ar à superfície). — 28. «Scooter» francesa, «Spirotechnique». — 29. Pesquisas arqueológicas: a descoberta de ânforas. — 30. Um mergulhador traz uma ânfora à superfície. — 31. Se está vazia, a ânfora cheia de ar comprimido leva-se mais facilmente até à superfície. — 32. O disco submarino de J. J. Cousteau. — 33. O piloto diante da sua objectiva. — 34. O passageiro utiliza uma máquina de filmar. — 35. A bateria de acumuladores. — 36. Sistema propulsivo: tubos orientáveis. — 37. O batiscofo «Trieste» (recorde do Mundo). — 38. O hélice-esférico (piloto e observador). — 39. Hélice de direcção. (o reservatório é cheio de um combustível mais leve de que a água, se bem que o batiscofo se comporte na água como um balão solto no ar. Larga-se o lastro para travar a descida e depois, para assegurar o seu regresso à superfície). — 40. «Scooter» italiana dos homens-rã (é equipada com um canhão lança-arpões para a caça grossa). — 41. Tubarões. — 42. Moreias. — 43. Polvo. — 44. Cavalas. — 45. Estrelas do mar. — 46. Polvo em movimento (o disco submarino obedece aos mesmos princípios de propulsão). — 47. Mero. — 48. Alforrecas.

**FOGUETÃO**



SUPLEMENTO DO FOGUETÃO

**BIB-BA**  
N.º 6 JULHO - 27-7-1961



# O circuito FANTÁSTICO

por JEAN GRATON

AGORA, CABE-VOS DECIDIR... E SE TEM ALGUMA PERGUNTA A FAZER-ME...



CARO AMIGO!... EM PRINCÍPIO ESTOU D'ACÓR DO CONSIGO! D'ACÓR DO TAMBÉM SOBRE CERTOS SEGRE-DOS DE FABRICAÇÃO, NÃO OBSTANTE V. TER ACABADO DE CEDER ALGUNS DELES A UMA GRANDE MARCA AMERICANA, ISTO É, AOS NOSSOS PRÓXIMOS ADVERSÁRIOS.



É CERTO MAS ESSES SO DIZEM RESPEITO A CARROS UTILITÁRIOS, OS QUAIS ESTÃO EXCLUÍDOS DE PARTICIPAR, NESTA PROVA! AS FIRMAS DE DETROIT NÃO FALTAM OUTROS MODELOS PARA NOS COMBATER!



PASSADA UMA HORA DE DISCUSSÃO, PARA PÓR EM ORDEM CERTOS DETALHES, FOI ENCERRADA A SESSÃO.

MEUS SENHORES, FIZEMOS BOM TRABALHO. A PROPOSITO, CONVOQUEI UMA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA PARA AS 17 HORAS.



NO DIA SEGUI-TE, OS JORNALISTAS DAVAM CONTA DO ASSUNTO



## FRANCA DESPORT

O GRANDE DIÁRIO PARISIENSE

O CARRO EUROPEU ENTRA NA CORRIDA  
PARIS, 25 DE OUTUBRO  
O SR. H. GUSMÃO, CON-TRUTOR BEM CONHE-CIDO, TOMOU CON-TA DO CASO!

PASSE TU- RISMO JUVENIL  
SENARACIONAL CONCURSO PARA OS JOVENS DE 7 AOS 17 ANOS, OFERECIDO PELA BP

## VIDA DESPORTIVA

AQUELES POR QUEM SE ESPERAVA!  
8 MARCAS OFERECERAM OS SEUS SERVIÇOS!

PARIS, 25 DE OUTUBRO  
REUNIDOS EM PA- RÍS, EM CONSELHO EXTRA- ORDINÁRIO SOB A PRE- SIDIENCIA DO SR. H. GUS- MÃO, 15 REPRESENTAN- TES DAS FIRMAS JAGUAR, ASTON-MARTIN VANWALL, FERRARI, MASERATI, MERCEDES, E PORSCHÉ, ESTUDA- RAM AS FASES DA CORRIDA DESPORTI- VA, QUE EM BREVE DEVERIA PÓR EM COM- PÉTICÃO OS RUSGOS COM OS AMERICANOS.

24 HORAS DEPOIS...  
VIVA! RAPAZIADA! OS RUSGOS ESTÃO D'ACÓRDO.



É OS AMERICANOS?

OS AMERICANOS MENOS APRES- SADOS EM MEDIR-SE COM OS EUROPEUS HESITARAM ALGUNS DIAS, DEPOIS NÃO PODENDO RETRO- CEDER, RESPONDERAM: O. N.!

SO NOS FALTA ENCONTRAR OS NOSSOS FUTUROS ADVERSÁRIOS... CONVIDEMO-LOS A VIR A PARIS PARA PÓR TUDO EM ORDEM!



MIGUEL... PASSA ESTA NOITE POR MINHA CASA DEPOIS DE JANTAR, PARA FALARMOS DOS SEUS CARROS.

COMBINADO, MANINHO!

AS 21 HORAS  
MIGUEL TOCA A PORTA DA CASA DO SEU IRMÃO.

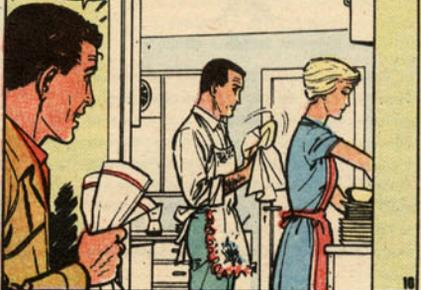
BOA NOITE, MIGUEL! VENS MESMO A PROPOSITO



OLHA! PEGA NISTO! E VEM COMIGO PARA A COZINHA...



!?





## LIÇÕES DO PINGUINHAS

**R**ECUEMOS cento e cinquenta anos no tempo! O imenso território que constitui hoje os Estados Unidos da América do Norte resumia-se a algumas cidades situadas na costa do Oceano Atlântico e a alguns fortes avançados que não ultrapassavam o rio Mississippi.

Do outro lado do grande rio, a zona extensíssima que se alargava até ao Pacífico, era a Grande Pradaria, habitada por peles-vermelhas divididos em tribus e raças

diversas que se combatiam entre si e caçavam o bisonte selvagem.

Nos princípios do século XIX, caçadores corajosos resolveram ir mais além. Havia uma nação para fazer! Depois os primeiros pioneiros empreenderam a colonização de certas zonas onde a civilização jamais tinha penetrado. Jornadas heróicas se sucederam então.

Pequenas caravanas, compostas de galeras com coberturas de lona, cheias de mulheres, crianças, sementes e instrumentos agrícolas, guardadas por homens a cavalo, infiltraram-se pelas terras desconhecidas,

guarda-avançada duma nação em marcha! As emboscadas dos índios verificavam-se geralmente nos desfiladeiros e quando a caravana atravessava os rios. Mas, em muitas tribus, havia também o costume de atacar de dia, em plena planície, quando os pioneiros se encontravam em campo aberto e sem possibilidades de fuga. A superioridade numérica dos índios foi muita vez vencida pela obstinação e coragem desses homens e dessas mulheres. É que todos ansiavam chegar à Terra Prometida, o Oregon, a Nevada, a Califórnia, onde os esperava terra boa de cultura.

## O CAMINHO PARA O OESTE

misteriosas, onde o perigo espreitava a cada passo. A marcha para o Oeste começava! Durante a noite as galeras formavam um círculo. Agrupados à volta da fogueira acesa no campo improvisado, os emigrantes assavam a carne que haviam caçado durante o dia, enquanto sentinelas atentas vigiavam.

Depois cantavam e dançavam velhas áreas. Um violino dava a melodia e as palmas marcavam o ritmo. Parecia um grupo alegre, indiferente ao perigo que o cercava. E quantas vezes, da noite silenciosa, saía um grupo de índios que chacinava essa

Pouco a pouco as caravanas foram crescendo. A uma sucedia-se outra. Novos grupos cruzavam as terras silenciosas. E o Oeste foi-se enchendo de ranchos, fortes e plantações, primeiro passo para as típicas cidades que se foram fazendo cidades modernas. As estradas principiaram a cruzar a Grande Pradaria. E um dia o caminho de ferro uniu os dois Oceanos!

Coragem, sofrimento e combate foi a trilogia aceite pelos pioneiros dos E. U. A., alguns dos quais se tornaram lendários e heróis da juventude de todo o mundo.



## BIP apresenta BOP NO FAR WEST



(Contada por ele próprio)

Tomei a mala-posta das 14,33 para Ghost Town. O chefe do posto deu 4 tiros para o ar, os cavalos empinaram-se e lançaram-se a galope pela planície. Foi assim que comecei a minha viagem pelo Far-West. O «sheriff» Nick Fick, de Ghost Town, mandara-me um convite para eu me deslocar àquela cidade a fim de matar as traças que por lá havia aos milhares. E eu não me fiz rogado! Há

que tempos que desejava conhecer o Far-West.

Claro que me vesti de cow-boy para passar despercebido. É que com a minha fama não há ninguém que não me conheça e nunca mais me largavam a pedir autó-



O «Sheriff» Nick Fick — assim que me viu deu-me um abraço tão apertado que me partiu 2 costelas!



Millie, a filha de Nick Fick, toda dengosa, andava suspirando de amores por



Tam Krocket, o rapaz, que cantava que era um regalo, andava a cavalo no «Relincho» e dava tiros sem tirar os pistóles do coldre

# BOP

PROPÕE-VOS UM JOGO:

## "VAMOS BRINCAR AOS ÍNDIOS!"

Agora que as férias começam, muitos de vocês vão para zonas de veraneio onde não faltam florestas.

Tomando como base os sinais que os índios utilizavam para se orientarem ou comunicarem entre si, e que tão bons serviços prestaram a guias — exploradores como Davy Crockett, Daniel Boone e Kit Carson, Bop propõe-vos um jogo sensacional e divertido.

Juntem-se aos vossos companheiros e dividam-se em dois grupos: Um perseguidor, outro perseguido.

O grupo perseguido irá marcando nas árvores sinais que o grupo perseguidor decifrará. Esses sinais serão, todavia, marcados de modo a promover a desorientação nos perseguidores e a indicar-lhes pistas falsas. Cada perseguido apanhado será automaticamente transformado em perseguidor, até ao momento em que exista apenas um perseguido. Começa aí a «caça ao homem» que pode durar horas divertidas, no contacto do ar puro da floresta. Temos assim um novo jogo das escondidas... com sinais!

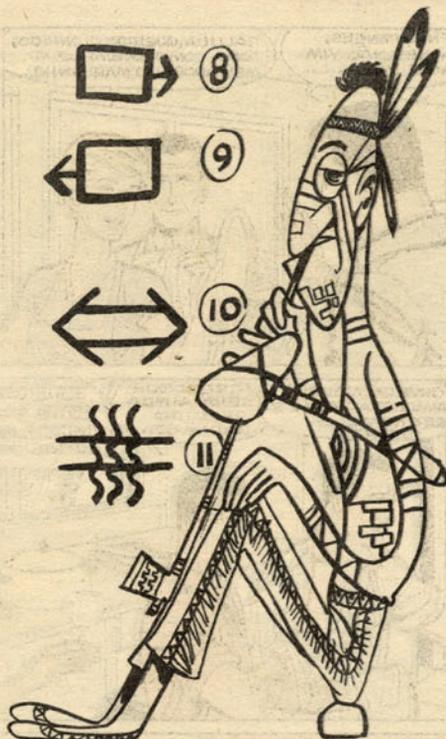
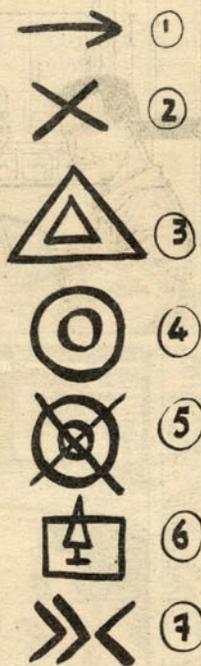
Verão como se divertem! Mas cuidado, não se percam!

Os sinais podem ser estes:

1. Caminho a seguir
2. Caminho sem continuação (sem saída)
3. Zona perigosa
4. Água potável
5. Água não potável
6. Mensagem escondida a 4 passos na direcção da floresta
7. Emboscada
8. Caminho para a direita
9. Caminho para a esquerda
10. Voltamos para a rectaguarda
11. Rio ou riacho a atravessar

E vocês podem ainda criar outros que vos agradem mais ou que provoquem confusão aos perseguidores.

Muitos destes sinais foram ensinados pelos índios a Bop quando este nosso amigo visitou..... O FAR-WEST!



*Mas o pior disto tudo era o: Joe Sanapismo, o «mau», que andava a estragar a vida daquela gente toda e que tinha uma quadrilha que roubava cabeças de gado...*

grafos! Devo dizer-vos, para já, que matei as traças todas de Ghost Town e fiquei com a missão cumprida, o que não é para admirar

O que quero mostrar aqui são as figuras que encontrei no Far-West.

Uma noite o «sheriff» Nick Fick deu um jantar em minha honra no «Saloon» da cidade, Mas o Tom Krocket e o Joe Sanapismo não se podiam ver um ao outro e mal tínhamos começado a jantar houve tiroeiro do

grosso. Quando dei por mim estava escondido debaixo do balcão. O «Sheriff» ainda disse: «Quem é que manda aqui?». Mas o Joe Sanapismo atirou-lhe 4 balas e respondeu: «Eu!». O «sheriff» nem refletiu. Escondeu-se!

A história acabou em paz, com 15 mortos e 23 feridos e com o Joe Sanapismo na gaiola para não armar em espartalhão. A Millie e o Krocket casaram no Domingo seguinte e eu tomei a primeira mala-posta e fugi de Ghosht Town. Arranjei-a bonita! lamos mesmo a meio da pradaria quando ouvimos uns gritos e nos vimos perseguidos por uma multidão de índios. Num abrir e fechar de olhos fomos todos amarrados e levados para o acampamento onde nos ataram a postes, junto do fogo. Eu bem gritei que não era frango para ser assado no espeto mas o nosso guarda índio, Pé-de-Chumbo, calou-me com um grito.

Lá para as tantas os feiticeiros da tribo e os soldados vieram dançar à nossa volta e começaram a afiar as facas. Eu já via a minha linda cabeleira ornando a tenda do Grande Chefe «Cabeça-de-Cógado»!

Subitamente o feiticeiro «Banha-de-Cobra» parou à minha frente e disse mais

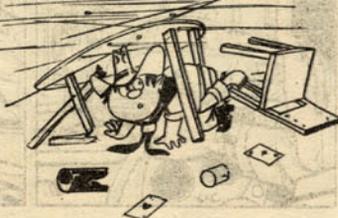
ou menos assim: «balu... iuuu... kabala... noki... tó!». Eu, delicadamente, disse-lhe que não sabia a língua deles mas que ia tentar aprender.

Mas parece que o «Banha-de-Cobra» não estava pelos ajustes e meteu-me um cachimbo na boca (A mim! Que nem fumo!).

Foi então que eu ouvi a cavalgada. Tom Krocket e Nick Fick, seguidos por uma multidão de cavaleiros, entraram aos gritos no acampamento dos índios que fugiram em debandada.

Dai a momentos estávamos todos soltos e, utilizando os cavalos, lá me levaram até ao litoral onde tomei um navio para a Europa

Isto já se passou há uma quantidade de anos... E ainda um dia vos hei-de contar o que se passou comigo quando estive na selva!...



# O CIRCUITO FANTÁSTICO

